

Serviço de Intervenção nos Comportamentos
Aditivos e nas Dependências
Ministério da Saúde - Portugal

Comportamentos Aditivos em tempos de COVID

Alterações no consumo
de drogas ilícitas



European Web
Survey on Drugs

Resultados do Inquérito Online Europeu
sobre Drogas – Padrões de Consumo
Portugal 2021


SICAD | Serviço de Intervenção nos
Comportamentos Aditivos
e nas Dependências

Ficha Técnica

Título: Comportamentos Aditivos em tempos de COVID: alterações no consumo de drogas ilícitas. Resultados do Inquérito Online Europeu sobre Drogas – Padrões de Consumo Portugal 2021

Autor: Carapinha, Ludmila

Editor: Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

Edição: 21-12-2021

ISBN: 978-989-53221-4-5

Esta informação está disponível no sítio *web* do Serviço de Intervenção nos Comportamentos e nas Dependências, <http://www.sicad.pt>.

SUMÁRIO EXECUTIVO

Os tempos recentes têm como característica maior a pandemia SARS-CoV-2, a pandemia viral, mas, também, a pandemia de outras doenças, conexas ou não à SARS-CoV-2, a pandemia psicológica, relacional, social, cultural e económica. Este tipo de crises tende a afetar de forma diferencial as populações, sendo a utilização de drogas uma das dimensões de relevo nesta apreciação.

Por um lado, os fatores de stress em presença poderão influenciar um maior recurso à utilização destes produtos como mecanismo de *coping*. Por outro lado, o profundo enraizamento da utilização de um vasto leque destes produtos em contexto social permite antecipar alterações por força da redução destas oportunidades. Finalmente, aqueles utilizadores com uma relação mais problemática com estes produtos, em situação de maior vulnerabilidade física, mental e social, encontram-se particularmente expostos aos efeitos desta pandemia.

Em face desta constatação, entendeu-se como pertinente que o primeiro produto de análise de resultados do *European Web Survey on Drugs: Patterns of Use – Portugal 2021* / Inquérito Online Europeu sobre Drogas: Padrões de Consumo – Portugal 2021 (EWSD-Portugal 2021) incidisse sobre os efeitos da pandemia SARS-CoV-2 no consumo de produtos ilícitos (canábis, cocaína, ecstasy, anfetaminas, metanfetaminas, heroína) e novas substâncias psicoativas, na perspetiva dos utilizadores.

O EWSD é um inquérito da iniciativa e coordenação europeia do Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência, em colaboração com os Pontos Focais Nacionais. Tem como objetivo caracterizar os padrões de consumo e formas de obtenção dos produtos acima mencionados, no contexto europeu. Em 2021 realizou-se a 3ª edição deste inquérito, agora com cerca de 30 países participantes, entre os quais Portugal, através do SICAD.

Trata-se de um inquérito online, de autopreenchimento, dirigido especificamente a utilizadores de drogas com 18 anos ou mais, que participam anonimamente. Foi aplicado entre março e maio de 2021, tendo-se obtido uma amostra de 4 685 questionários válidos de utilizadores residentes em Portugal. É sobre esta amostra que se baseia o presente estudo.

Verificou-se que, à exceção dos consumidores de heroína e de cocaína base/crack, a maioria dos utilizadores alterou o seu consumo de drogas devido à pandemia SARS-CoV-2. As alterações foram, predominantemente, no sentido da diminuição do consumo. Contudo, variaram em função do tipo de produto. A canábis, particularmente a herbácea, foi o produto em que a diminuição foi menos expressiva (e o aumento mais expressivo), enquanto o ecstasy se destaca pela maior diminuição do consumo. Estes resultados estão, genericamente, em acordo com estudos prévios, internacionais.

Uma análise em função do sexo, género e grupo etário permitiu constatar que estas alterações variaram, também, em função destes fatores, em relação com o tipo de produto. Os consumidores de cada um destes produtos apresentam características demográficas e padrões de consumo (frequência e quantidade por ocasião/dia) distintos.

Recomenda-se um maior investimento no conhecimento e na intervenção nos seguintes domínios: (a) capacitação e proteção das pessoas e sistemas para fazerem face aos fatores de stress ligados aos efeitos a curto e médio prazo da pandemia, com vista a evitar que o recurso a produtos potencialmente aditivos seja a estratégia usada, ou que, caso o seja, seja minorada a probabilidade de desenvolvimento de problemas; (b) identificação de subgrupos populacionais ou fatores associados ao aumento do consumo neste período, com vista a especializar a intervenção; (c) identificação das necessidades e investimento na intervenção nos domínios do tratamento, reinserção e redução de riscos e minimização de danos, em articulação com a rede de respostas alargadas, de forma a mitigar os impactos da pandemia entre os consumidores de produtos ilícitos que se encontram em situação de maior vulnerabilidade.

EXECUTIVE SUMMARY

Recent times have as a major feature the SARS-CoV-2 pandemic, the viral pandemic, but also the pandemic of other diseases, related or not to SARS-CoV-2, the psychological, relational, social, cultural and economic pandemic. This type of crises tends to affect populations differently, and the use of drugs is one of the important dimensions in this assessment.

On one side, the stress factors in presence may influence a greater use of these products as a coping mechanism. On another, the deep rooting of the use of a wide range of these products in social contexts makes it possible to anticipate changes by reducing these opportunities. Finally, those users with a more problematic relationship with these products, in situations of greater physical, mental and social vulnerability, are particularly exposed to the effects of this pandemic.

In view of this finding, it was understood as relevant that the first product of analysis of results of the *European Web Survey on Drugs: Patterns of Use – Portugal 2021 / Inquérito Online Europeu sobre Drogas: Padrões de Consumo – Portugal 2021 (EWSD-Portugal 2021)* would be on the effects of the SARS-CoV-2 pandemic on the use of illicit products (cannabis, cocaine, ecstasy, amphetamines, methamphetamines, heroin) and new psychoactive substances, from the perspective of users.

The EWSD is a survey of the European initiative and coordination of the European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction, in collaboration with the National Focal Points. It aims to characterize the consumption patterns and ways of obtaining the above mentioned products in the European context. In 2021, the 3rd edition of this survey was held, now with about 30 participating countries, including Portugal, through SICAD.

This is an online, self-completed survey, aimed specifically at drug users aged 18 years or older, who participate anonymously. It was applied between March and May 2021, and a sample of 4 685 valid questionnaires from users residing in Portugal was obtained. This study is based on this sample.

The results indicate that, with the exception of heroin and base/crack cocaine users, the majority of users changed their drug use due to the SARS-COV-2 pandemic. The changes were predominantly in the sense of decreased consumption. However, they varied depending on the type of product.

Cannabis, particularly weed, was the product in which the decrease was less expressive (and increase the most expressive), while ecstasy stands out for the greater decrease in consumption. These results are generally in agreement with previous international studies.

An analysis according to sex, gender and age group showed that these changes also varied, according to these factors, in relation to the type of product. Consumers of each of these products have different demographic characteristics and consumption patterns (frequency and quantity per occasion/day).

Further investment in knowledge and intervention is recommended in the following areas: (a) empowerment and protection of people and systems to address stress factors linked to the short and medium-term effects of the pandemic, with a view to preventing the use of potentially addictive products as a coping strategy, or, if so, the likelihood of developing problems is mitigated; (b) identification of population subgroups or factors associated with increased consumption in this period, in order to specialize the intervention; c) identification of needs and investment in intervention in the areas of treatment, reintegration and reduction of risks and harm reduction, in conjunction with the network of extended responses, in order to mitigate the impacts of the pandemic among consumers of illicit products that are in a situation of greater vulnerability.

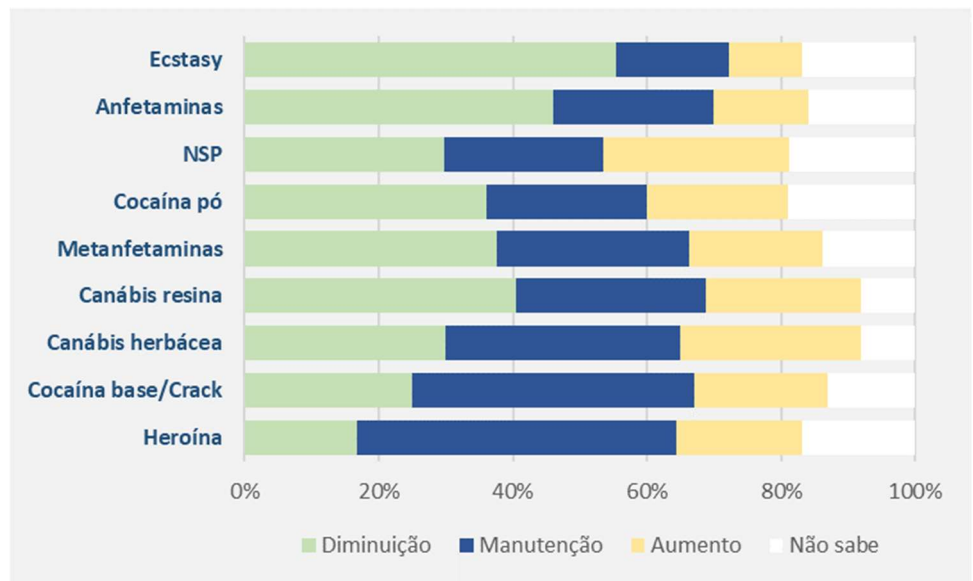


European Web Survey on Drugs

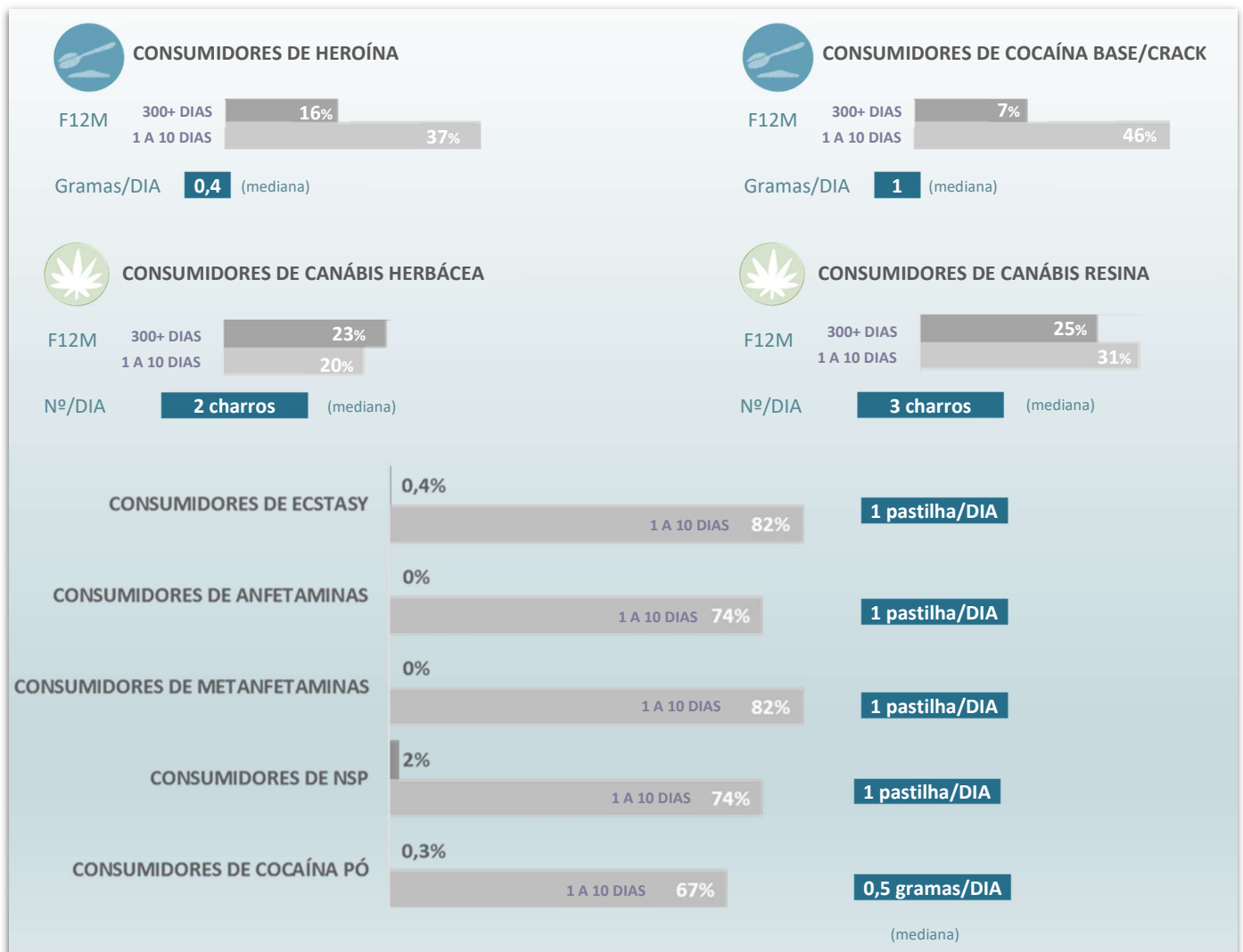
Inquérito online de autopreenchimento, da iniciativa do Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência dirigido a utilizadores de drogas com 18 ou mais anos, aplicado entre março e maio de 2021, em cerca de 30 países europeus, entre os quais Portugal, através do SICAD. Os dados baseiam-se na amostra de residentes em Portugal, de 4685 utilizadores, subdivididos por droga, reportando ao consumo nos 12 meses anteriores. Para uma melhor compreensão dos resultados apresentados sugere-se a consulta do relatório científico, no site do SICAD/Estudos Concluídos.

ALTERAÇÕES AO CONSUMO DEVIDO À PANDEMIA SARS-CoV-2

Perspetivas dos utilizadores de cada um dos produtos



QUANTIFICAÇÃO DO CONSUMO EM PERÍODO DE PANDEMIA SARS-CoV-2



SERVIÇO DE INTERVENÇÃO NOS COMPORTAMENTOS ADITIVOS E NAS DEPENDÊNCIAS: DIREÇÃO DE SERVIÇOS DE MONITORIZAÇÃO E INFORMAÇÃO

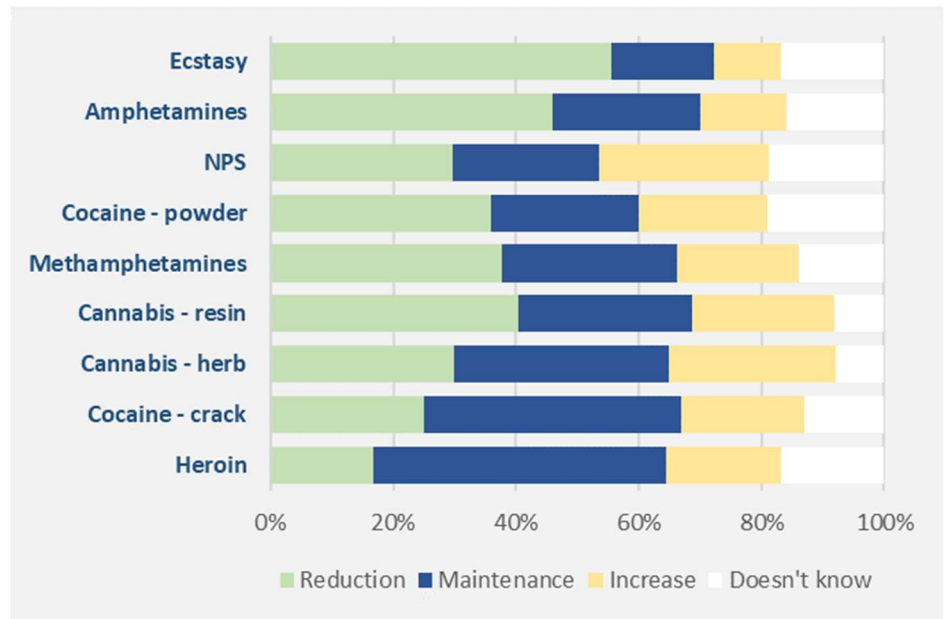


 **European Web Survey on Drugs**

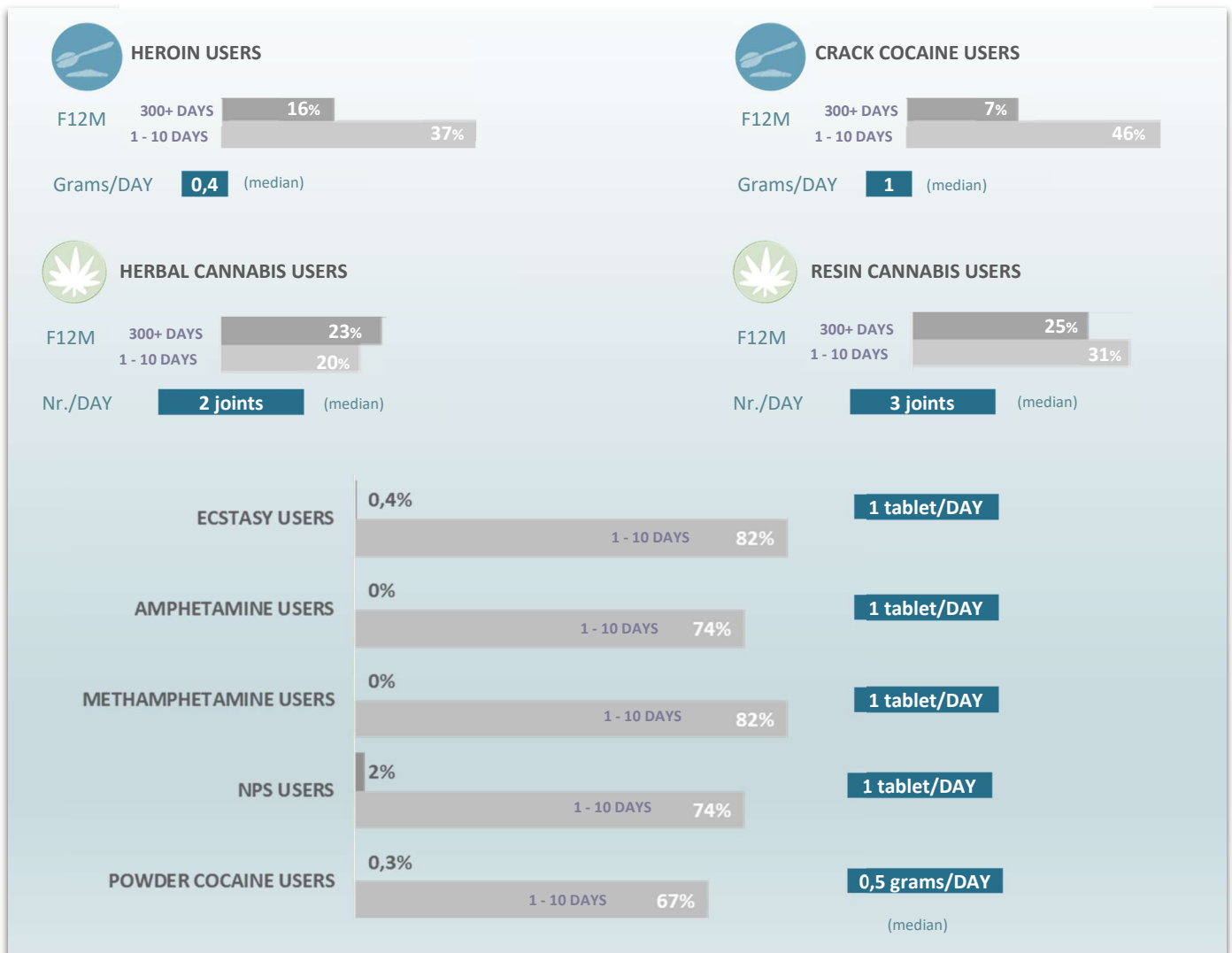
Online self-completion survey of the European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction, for drug users aged 18 years or older, applied between March and May **2021**, in about 30 European countries, including Portugal, through SICAD. The data is based on the sample of residents in Portugal, of 4685 users, subdivided by drug, reporting to consumption in the previous 12 months. For a better understanding of the results presented, it is suggested to consult the scientific report on the SICAD website/Completed Studies.

CHANGES IN CONSUMPTION DUE TO SARS-CoV-2 PANDEMIC

Perspectives of each drug user



QUANTIFICATION OF CONSUMPTION IN THE SARS-CoV-2 PANDEMIC PERIOD



GENERAL-DIRECTORATE FOR INTERVENTION ON ADDICTIVE BEHAVIOURS AND DEPENDENCIES: MONITORING AND INFORMATION DEPARTMENT

PROMOTOR DO EUROPEAN WEB SURVEY ON DRUGS – PATTERNS OF USE

Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência

PROMOTOR DO EWSD – INQUÉRITO ONLINE EUROPEU SOBRE DROGAS PADRÕES DE CONSUMO EM PORTUGAL 2021

Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

- Componente de Investigação: Divisão de Estatística e Investigação, Direção de Serviços de Monitorização e Informação
- Componente de Comunicação: Divisão de Informação e Comunicação, Direção de Serviços de Monitorização e Informação
- Acompanhamento da Divisão de Relações Internacionais
- Apoio à divulgação nas Comissões para a Dissuasão da Toxicodependência pela Equipa Multidisciplinar para a Coordenação da Área da Dissuasão
- Apoio na execução orçamental pela Divisão de Gestão de Recursos

AGRADECIMENTOS

Entidades que colaboraram no pré-teste da versão portuguesa:

Associação Kosmicare

Direção Regional da Prevenção e Combate às Dependências da Região Autónoma dos Açores

Florinhas do Vouga

GAT – Grupo de Ativistas em Tratamentos

Secretaria Regional de Saúde da Região Autónoma da Madeira - Unidade Operacional de Intervenção em Comportamentos Aditivos e Dependências

Entidades que colaboraram na divulgação do Inquérito:

Administração Regional de Saúde do Norte – Divisão de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

Administração Regional de Saúde do Centro – Divisão de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo – Divisão de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

Administração Regional de Saúde do Alentejo – Divisão de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

Administração Regional de Saúde do Algarve – Divisão de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

Direção Regional da Prevenção e Combate às Dependências da Região Autónoma dos Açores

Secretaria Regional de Saúde da Região Autónoma da Madeira - Unidade Operacional de Intervenção em Comportamentos Aditivos e Dependências

Instituto Português do Desporto e da Juventude

Associação Kosmicare

Florinhas do Vouga

GAT – Grupo de Ativistas em Tratamentos

A todas as organizações não governamentais que colaboraram na divulgação do inquérito.

A todos os participantes.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO, 1

MÉTODO, 3

RESULTADOS, 8

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES, 41

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 45



European Web
Survey on Drugs

Índice de Tabelas

TABELA 1. Caracterização da amostra de participantes (total e por produto) quanto ao sexo

TABELA 2. Caracterização da amostra de participantes (total e por produto) quanto ao gênero

TABELA 3. Caracterização da amostra de participantes (total e por produto) quanto ao grupo etário

TABELA 4. Impacto percebido da pandemia COVID-19 no consumo de canábis herbácea

TABELA 5. Frequência de consumo de canábis herbácea nos últimos 12 meses

TABELA 6. Quantidade de canábis herbácea consumida nos últimos 12 meses

TABELA 7. Impacto percebido da pandemia COVID-19 no consumo de canábis resina

TABELA 8. Frequência de consumo de canábis resina nos últimos 12 meses

TABELA 9. Quantidade de canábis resina consumida nos últimos 12 meses

TABELA 10. Impacto percebido da pandemia COVID-19 no consumo de cocaína pó

TABELA 11. Frequência de consumo de cocaína pó nos últimos 12 meses

TABELA 12. Quantidade de cocaína pó consumida nos últimos 12 meses

TABELA 13. Impacto percebido da pandemia COVID-19 no consumo de cocaína crack

TABELA 14. Frequência de consumo de cocaína base/crack nos últimos 12 meses

TABELA 15. Quantidade de cocaína base/crack consumida nos últimos 12 meses

TABELA 16. Impacto percebido da pandemia COVID-19 no consumo de ecstasy

TABELA 17. Frequência de consumo de ecstasy nos últimos 12 meses

TABELA 18. Quantidade de ecstasy consumida nos últimos 12 meses

TABELA 19. Impacto percebido da pandemia COVID-19 no consumo de anfetaminas

TABELA 20. Frequência de consumo de anfetaminas nos últimos 12 meses

TABELA 21. Quantidade de anfetaminas consumida nos últimos 12 meses

TABELA 22. Impacto percebido da pandemia COVID-19 no consumo de metanfetaminas

TABELA 23. Frequência de consumo de metanfetaminas nos últimos 12 meses

TABELA 24. Quantidade de metanfetaminas consumida nos últimos 12 meses

TABELA 25. Impacto percebido da pandemia COVID-19 no consumo de novas substâncias psicoativas

TABELA 26. Frequência de consumo de novas substâncias psicoativas nos últimos 12 meses

TABELA 27. Quantidade de novas substâncias psicoativas consumidas nos últimos 12 meses

TABELA 28. Impacto percebido da pandemia COVID-19 no consumo de heroína

TABELA 29. Frequência de consumo de heroína nos últimos 12 meses

TABELA 30. Quantidade de heroína consumida nos últimos 12 meses

INTRODUÇÃO

A história recente é pautada por um mergulho mundial num gigante tubo de ensaio onde a química que anteriormente organizava a experiência humana foi fortemente modificada e agitada. As estruturas externas organizadoras da experiência, o trabalho, a escola, as atividades lúdicas, culturais, desportivas, os convívios com a família ou amigos, foram radicalmente alteradas, principalmente nos períodos de confinamento total, mas, também, sucessivamente adaptadas, em períodos intermédios. A incerteza, o constrangimento, a ansiedade, o medo, o luto, são elementos que têm vindo a temperar as vidas de todos nós, com diferentes químicas em função da estrutura interna e do contexto de cada um. Por outro lado, também a procura de soluções, umas mais centradas na gestão emocional, outras mais na ordem da ação, tem feito parte desta química.

Estudos realizados no contexto português, neste período, dão nota do elevado impacto macroeconómico desta pandemia, com efeitos severos na atividade das empresas, do emprego e nos rendimentos dos portugueses (Paes Mamede, Pereira & Simões, 2020), bem como da expressão de sinais de sofrimento psicológico na população portuguesa (Caldas de Almeida *et al.*, 2020).

Neste contexto, de pandemia viral, mas também económica, social, cultural e psicológica, é inevitável a questão sobre efeitos nas dinâmicas de consumo de produtos que têm como característica comum possuírem propriedades psicoativas, isto é, a propriedade de proporcionarem alterações temporárias da percepção, humor, estado de consciência e comportamento.

De igual forma, os consumos estão, frequentemente, imbrincados no tecido relacional e cultural, tão afetados por esta pandemia. Algumas pessoas preferem usar estes produtos sozinhas, em casa, mas muitas, dependendo, também, do tipo de produto, usam-nos na companhia e em interação com outros, em contextos vários, fora de casa.

Por outro lado, o acesso a estes produtos está dependente destes contactos e da circulação dos mesmos no mercado, principalmente internacional. A informação recolhida junto dos diversos Pontos Focais do Observatório Europeu da Droga e da Toxicod dependência (OEDT) dá precisamente nota de uma disrupção inicial deste mercado. Contudo, os operadores ao nível da produção e distribuição rapidamente se adaptaram (EMCDDA, 2021). Em Portugal, concretamente, tudo indica que terá ocorrido uma adaptação nas rotas e *modus operandi*, a par de uma maior implementação de certas dinâmicas de tráfico já existentes. Os indicadores nacionais sugerem que o impacto no mercado variou em função de aspetos como o patamar de mercado ou o tipo de droga considerados. Com efeito, para drogas como a canábica ou a heroína registou-se mesmo um aumento das quantidades confiscadas (SICAD, 2021a).

O contexto pandémico colocou ainda desafios quanto ao acesso a respostas terapêuticas e sociais no campo dos comportamentos aditivos e dependências, especialmente para públicos mais vulneráveis, tendo sido, para o efeito, adotadas medidas extraordinárias. Ainda assim, verificou-se uma diminuição na procura de tratamento em 2020, particularmente quanto ao número de novos utentes (SICAD, 2021a).

Esta pandemia, bem como as medidas adotadas para a combater, não tem tido, nem terá, no futuro, efeitos homogéneos na população, e os utilizadores de drogas, particularmente aqueles

em situação de maior vulnerabilidade, são um dos grupos de particular risco (Douglas *et al.*, 2020).

As interrogações quanto ao impacto da pandemia SARS-COV-2 no campo das drogas ilícitas são, portanto, potencialmente várias, considerando, por exemplo, alterações no acesso e disponibilidade de cada produto, do seu preço, qualidade, forma de aquisição, alterações nas motivações para consumir, nos padrões de consumo, em termos dos produtos usados, da quantidade, frequência, contexto, rituais de consumo, procura de ajuda, entre outros.

Numa perspetiva epidemiológica, uma das questões basilares, talvez a mais estudada, consiste em determinar se as pessoas alteraram a intensidade do consumo, genericamente, se passaram a consumir mais, ou mesmo se retomaram consumos abandonados, se passaram a consumir menos, ou mesmo se abandonaram o consumo.

Os estudos conduzidos em diversos países, têm, em geral, revelado alterações no consumo de produtos ilícitos, na perspetiva dos utilizadores, pois são maioritariamente estudos de autorrelato. O sentido e a magnitude das alterações é, contudo, bastante variável, de país para país e de produto para produto. Contudo, em praticamente todos os estudos se constata que, se um segmento da população de utilizadores aumentou o consumo, outro segmento diminuiu.

Entre os produtos analisados, a canábis talvez seja aquele em que as alterações são, de forma um pouco mais consistente, principalmente no sentido do aumento do consumo. Esta é a tendência predominante, verificada também na amostra portuguesa de um estudo europeu (Manthey *et al.*, 2021), mas com algumas variações consoante os países. Quanto a outros produtos ilícitos, a amostra portuguesa indica uma diminuição do consumo superior ao aumento (Munro *et al.*, 2021; Manthey *et al.*, 2021; Schmidt *et al.*, 2021).

Estas variações refletem, possivelmente, quer diferenças metodológicas entre os estudos, quer diferenças nos padrões de consumo prévios, mas também, variações nos impactos da pandemia SARS-COV-2 em cada país. Na verdade, tal apreciação tanto pode ser feita quanto à diversidade de impactos a nível internacional, como a nível nacional. Embora a experiência da pandemia seja de alguma forma transversal a todos, a população de utilizadores de drogas é diversa e, também o é a sua experiência da pandemia e tudo o que esta envolve, na vida em geral, e na relação com as drogas em particular.

O presente estudo tem como objetivo aferir alterações ao consumo de um conjunto de produtos ilícitos – canábis, cocaína, ecstasy, anfetaminas, metanfetaminas e heroína – e de novas substâncias psicoativas.

Numa perspetiva de saúde pública, esta aferição tem o valor de sinalizar eventuais agravamentos no consumo, entre os consumidores em geral, ou em grupos populacionais específicos, com vista a diagnosticar a necessidade de ajustamento das respostas públicas dirigidas a utilizadores de drogas ilícitas.

Este estudo tem a particularidade de ser o primeiro produto de análise de resultados da base de dados Portuguesa do *European Web Survey on Drugs – Patterns of Use* (EWSD) /Inquérito Online Europeu sobre Drogas: Padrões de Consumo.

O EWSD é uma iniciativa do OEDT, implementado em colaboração com os Pontos Focais de vários países da União Europeia. Trata-se de um projeto que tem como objetivo a caracterização de padrões de consumo e de formas de obtenção de produtos ilícitos na região europeia, enriquecendo, desta forma, o conhecimento sobre o fenómeno das drogas ilícitas nesta região do mundo, e, em particular, em cada país participante. Em 2021 decorreu a 3ª edição deste inquérito, na qual Portugal participou, pela primeira vez, através do SICAD.

MÉTODO

O EWSD é um inquérito por questionário de autopreenchimento disponibilizado e preenchido online, numa plataforma gerida pelo OEDT, comum aos vários países, suportada no software Lyme Survey, com versões nas línguas nacionais.

Compreende 2 secções de informação geral, sobre sociodemografia, prevalências de consumo de um leque alargado de produtos, atitudes relativamente à legalização de canábis, contextos de consumo e experiência de tratamento relacionado com o consumo de drogas ilícitas, e, 8 módulos dedicados à caracterização do consumo e obtenção de produtos específicos: canábis, cocaína, ecstasy, anfetaminas, metanfetaminas, heroína e novas substâncias psicoativas.

Tendo em conta que o questionário foi aplicado entre 18 de março e 31 de maio de 2021 e que as questões colocadas reportavam ao período dos 12 meses anteriores, de contexto pandémico, foi incluída, em cada módulo, uma questão sobre alterações ao consumo devido à pandemia SARS-COV-2.

A validade e fidelidade do instrumento têm beneficiado das experiências de aplicação anteriores, bem como das entrevistas cognitivas realizadas nas fases de preparação. A versão portuguesa, preparada para a edição de 2021, foi sujeita a este processo de validação junto de 11 utilizadores de drogas portugueses.

O inquérito tem como população alvo utilizadores de drogas ilícitas e/ou de novas substâncias psicoativas com 18 anos ou mais.

A nível nacional, a sua divulgação foi conduzida pela unidade especializada em informação e comunicação do SICAD, em articulação com a unidade de investigação. Recorreu-se aos meios de comunicação generalistas e às redes sociais institucionais do SICAD (Site, Facebook, Instagram e Twitter). No âmbito das redes sociais institucionais a estratégia de divulgação versou públicos específicos, mas diversos, tendo em conta associações de consumos a interesses, identificados a partir de dados de investigação nacional e de aconselhamento de peritos. Esta estratégia foi posteriormente ajustada em função dos resultados obtidos em termos de participação nos diversos módulos, visando o maior nível de participação possível em cada um. A amostra obtida é de conveniência.

Paralelamente, realizaram-se diversos contactos institucionais com vista a potenciar a divulgação do estudo. Foi contactada a Equipa Multidisciplinar para a Coordenação da Área da Dissuasão, do SICAD, as Divisões de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências das 5 Administrações Regionais de Saúde de Portugal Continental, a Unidade Operacional de Intervenção em Comportamentos Aditivos e Dependências da Secretaria Regional de Saúde da Região Autónoma da Madeira e a Direção Regional da Prevenção e Combate às Dependências da Região Autónoma dos Açores, o Instituto Português do Desporto e da Juventude e as Organizações Não Governamentais que são parceiras do SICAD na prestação de serviços de redução de riscos e minimização de danos. A estas unidades/entidades foi solicitada a colaboração para a divulgação do EWSD nas suas plataformas, bem como, nos seus serviços, neste caso, visando especialmente um grupo de utilizadores em particular, os consumidores de heroína e de cocaína base/crack.

Antecipando-se que a divulgação online não seria suficiente para alcançar estes consumidores, solicitou-se às estruturas que prestam serviços junto destes a apresentação do estudo diretamente, reconhecendo-se, contudo, a dificuldade de operacionalização desta divulgação dados os constrangimentos, imputáveis à pandemia, quanto ao contacto com os utilizadores dos serviços.

Em qualquer dos casos, a participação foi voluntária e anónima, tendo os potenciais participantes sido informados, na apresentação do estudo, dos seus objetivos, conteúdo, benefícios, riscos e direitos. O acordo quanto à participação era assinalado na primeira questão.

A validação fundamental dos questionários preenchidos foi feita centralmente, pelo OEDT, tendo-se obtido uma amostra de consumidores residentes em Portugal de 4 685 casos válidos. É sobre esta base de dados que incide o presente estudo.

Tendo em consideração o objetivo a que se propõe, identificar alterações ao consumo de drogas ilícitas e novas substâncias psicoativas em função da pandemia SARS-COV-2, foram consideradas, para análise, as seguintes variáveis:

- Sexo, género, idade (codificada em grupos etários)

Para cada módulo:

- Frequência de consumo nos 12 meses anteriores
- Forma de consumo (*charro*, cachimbo seco, cachimbo de água, vaporizador, comida, bebida, outro) e nº de *charros*/cachimbos/vaporizadores consumidos num dia típico) - só para a canábis
- Quantificação (em gramas, número ou mililitros) de produto usado num dia típico
- Impacto da pandemia COVID-19 no consumo (formulação do questionário)

Os dados foram analisados em base de dados SPSS versão 27.0, com estatística univariada e bivariada, para determinação de associações entre alterações ao consumo e as variáveis sociodemográficas (teste do Chi-quadrado, intervalo de 95% de confiança).

Amostra

De um total de 4 685 participantes com questionários válidos, participaram 3 019 consumidores recentes de canábis, 741 de cocaína, 750 de ecstasy, 192 de anfetaminas, 51 de metanfetaminas, 155 de novas substâncias psicoativas e 92 de heroína, maioritariamente do sexo masculino (Tabela 1), composição que está dentro do expectável considerando as prevalências de consumo destes produtos na população geral e em função do sexo (Balsa, Vital & Urbano, 2018).

É, também, maioritariamente constituída por elementos do género masculino. Participaram no estudo 53 utilizadores de género não binário. A reduzida amostra implica que, frequentemente, não seja possível apresentar uma descrição de dados para este subgrupo (Tabela 2).

Com exceção para a heroína, na qual predominam consumidores do grupo etário de 45-54 anos, e para a cocaína base/crack, na qual predominam consumidores de 35-44 e 45-54 anos, cada amostra de consumidores, independentemente do produto, é constituída, principalmente, por consumidores de 18-24 e de 25-34 anos (Tabela 3), o que está de acordo com os dados da população geral quanto à prevalência de consumo de produtos ilícitos em função do grupo etário.

TABELA 1. Caracterização da amostra de participantes (TOTAL e por PRODUTO) quanto ao sexo (%)

	Sexo								
	N	Homem		Mulher		Prefiro não dizer		Outro	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
TOTAL	4685	3289	70,3	1291	27,6	93	2,0	8	0,2
POR PRODUTO:									
Canábis Total	3019	2140	70,9	840	27,8	31	1,0	6	0,2
Canábis Resina	1961	1393	71,1	541	27,6	21	1,1	5	0,3
Canábis Herbácea	2663	1905	71,6	725	27,2	27	1,0	4	0,2
Cocaína Total	741	521	70,4	214	28,9	5	0,7	0	..
Cocaína Cloridrato	652	448	68,8	200	30,7	3	0,5	0	..
Cocaína Base/Crack	121	96	79,3	22	18,2	3	2,5	0	..
Ecstasy/MDMA Total	750	499	66,5	244	32,5	6	0,8	1	0,1
Ecstasy/MDMA Pastilhas	535	371	69,3	160	29,9	4	0,7	0	..
Ecstasy/MDMA Pó/Cristal	503	326	64,8	172	34,2	5	1,0	0	..
Anfetaminas Total	192	118	61,5	69	35,9	5	2,6	0	..
Anfetaminas Pastilhas	87	51	58,6	35	40,2	1	1,1	0	..
Anfetaminas Pó/Cristal	130	81	62,3	47	36,2	2	1,5	0	..
Metanfetaminas Total	51	39	78,0	11	22,0	0	..	0	..
Metanfetaminas Pastilhas	22	16	72,7	6	27,3	0	..	0	..
Metanfetaminas Pó/Cristal	31	25	80,6	6	19,4	0	..	0	..
Novas Substâncias Psicoativas	155	112	72,7	41	26,6	1	0,6	0	..
Heroína	92	75	81,5	15	16,3	2	2,2	0	..

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSU)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

TABELA 2. Caracterização da amostra de participantes (TOTAL e por PRODUTO) quanto ao género (%)

	N	Género									
		Masculino		Feminino		Não Binário		Prefiro não dizer		Outro	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
TOTAL	4685	3069	66,1	1376	29,6	53	1,1	135	2,9	13	0,3
POR PRODUTO:											
Canábis Total	3019	2014	67,2	887	29,6	33	1,1	58	1,9	7	0,2
Canábis Resina	1961	1298	66,6	578	29,7	23	1,2	43	2,2	6	0,3
Canábis Herbácea	2663	1810	68,4	757	28,6	28	1,1	46	1,7	5	0,2
Cocaína Total	741	485	66,1	231	31,5	4	0,5	13	1,8	1	0,1
Cocaína Cloridrato	652	417	64,5	215	33,2	4	0,6	10	1,5	1	0,2
Cocaína Base/Crack	121	90	75,6	24	20,2	1	0,8	4	3,4	0	..
Ecstasy/MDMA Total	750	472	63,4	246	33,0	13	1,7	10	1,3	4	0,5
Ecstasy/MDMA Pastilhas	535	349	65,6	163	30,6	10	1,9	8	1,5	2	0,4
Ecstasy/MDMA Pó/Cristal	503	311	62,2	173	34,6	6	1,2	8	1,6	2	0,4
Anfetaminas Total	192	115	60,5	68	35,8	2	1,1	5	2,6	0	..
Anfetaminas Pastilhas	87	51	58,6	34	39,1	1	1,1	1	1,1	0	..
Anfetaminas Pó/Cristal	130	79	61,7	46	35,9	1	0,8	2	1,6	0	..
Metanfetaminas Total	51	36	72,0	12	24,0	1	2,0	1	2,0	0	..
Metanfetaminas Pastilhas	22	15	68,2	6	27,3	1	4,5	0	..	0	..
Metanfetaminas Pó/Cristal	31	23	76,7	7	23,3	0	..	0	..	0	..
Novas Substâncias Psicoativas	155	106	69,3	42	27,5	3	2,0	2	1,3	0	..
Heroína	92	69	75,8	16	17,6	3	3,3	2	2,2	1	1,1

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSU)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

TABELA 3. Caracterização da amostra de participantes (TOTAL e por PRODUTO) quanto ao grupo etário (%)

	Grupo Etário												
	N	18-24		25-34		35-44		45-54		55-64		65-74	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
TOTAL	4685	2298	49,2	1420	30,4	583	12,5	271	5,8	93	2	6	0,1
POR PRODUTO:													
Canábis Total	3019	1456	48,3	949	31,5	381	12,6	163	5,4	60	2,0	5	0,2
Canábis Resina	1961	1023	52,3	520	26,6	249	12,7	112	5,7	50	2,6	3	0,2
Canábis Herbácea	2663	1311	49,3	869	32,7	316	11,9	121	4,6	37	1,4	4	0,2
Cocaína Total	741	211	28,5	291	39,3	150	20,2	75	10,1	14	1,9	0	..
Cocaína Cloridrato	652	206	31,6	272	41,7	120	18,4	48	7,4	6	0,9	0	..
Cocaína Base/Crack	121	11	9,1	28	23,1	39	32,2	34	28,1	9	7,4	0	..
Ecstasy/MDMA Total	750	411	54,8	244	32,5	66	8,8	26	3,5	3	0,4	0	..
Ecstasy/MDMA Pastilhas	535	312	58,3	167	31,2	36	6,7	18	3,4	2	0,4	0	..
Ecstasy/MDMA Pó/Cristal	503	267	53,1	168	33,4	48	9,5	19	3,8	1	0,2	0	..
Anfetaminas Total	192	99	51,6	63	32,8	20	10,4	7	3,6	3	1,6	0	..
Anfetaminas Pastilhas	87	51	58,6	29	33,3	4	4,6	3	3,4	0	..	0	..
Anfetaminas Pó/Cristal	130	63	48,5	43	33,1	18	13,8	3	2,3	3	2,3	0	..
Metanfetaminas Total	51	12	23,5	21	41,2	11	21,6	7	13,7	0	..	0	..
Metanfetaminas Pastilhas	22	8	36,4	10	45,5	1	4,5	3	13,6	0	..	0	..
Metanfetaminas Pó/Cristal	31	5	16,1	11	35,5	10	32,3	5	16,1	0	..	0	..
Novas Substâncias Psicoativas	155	77	49,7	52	33,5	17	11,0	5	3,2	4	2,6	0	..
Heroína	92	4	4,3	16	17,4	23	25	36	39,1	13	14,1	0	..

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

RESULTADOS

CANÁBIS

COCAÍNA

ECSTASY

ANFETAMINAS

METANFETAMINAS

NOVAS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

HEROÍNA



Canábis

Segundo dados do Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral 2016/17, a prevalência de consumo recente (últimos 12 meses) na população residente (15-74 anos) de canábis é de 4,5%. O rácio homem/mulher é de 2 para 1. A prevalência de consumo é maior nos grupos etários de 15-24 anos (7,1%), 25-34 anos (8,6%) e 35-44 anos (8,0%) (Balsa, Vital & Urbano, 2018).

No Inquérito Online Europeu sobre Drogas: Padrões de Consumo – Portugal 2021 participaram 3 019 consumidores recentes de canábis ilícita no módulo sobre canábis, dos quais, 2 663 consumiram canábis herbácea e 1 961 consumiram canábis resina.

Em ambos os casos (consumidores de canábis herbácea e de canábis resina), o rácio homem/mulher é de 3 para 1. Tal discrepância (masculino/feminino) é menos acentuada numa análise em função do género. Por sua vez, cerca de metade têm 18-24 anos, entre um terço e um quarto têm 25-34 anos. Os grupos etários mais avançados estão menos representados (Tabelas 1 a 3).

Canábis herbácea

35% dos consumidores de canábis herbácea declararam que a pandemia não teve qualquer impacto na quantidade de canábis herbácea consumida. Contudo, em comparação com o período anterior, 30% referiram que usaram menos e 27% que usaram mais.

Identificam-se diferenças significativas quanto a estas alterações em função do grupo etário, com os consumidores mais velhos a alterarem menos o consumo (Tabela 4).

Neste período particular (2020-2021), praticamente todos os consumidores de canábis (88%) consumiram canábis na sua forma herbácea.

A amostra é constituída por pessoas com uma frequência de consumo bastante variável, mas claramente não experimental. Apenas 18% mencionaram consumir entre 1 a 10 dias nos 12 meses anteriores (20% entre os consumidores de herbácea), mais de metade consumiu em 50 ou mais dias e, em particular, cerca de 20% (23% entre os consumidores de herbácea), consumiram em 300 ou mais dias, o que poderá configurar um consumo diário/quase diário.

A frequência de consumo não parece variar particularmente em função do sexo/género, embora se constate que as mulheres/género feminino, consumam ligeiramente menos. Por outro lado, há diferenças importantes na utilização e frequência de consumo em função do grupo etário. Os consumidores de 25-34, 35-44 e, principalmente, de 45-54 anos, destacam-se por consumirem mais frequentemente, principalmente num registo diário/quase diário. Os de 55-64 anos destacam-se pela menor utilização e pela menor frequência de consumo (Tabela 5).

Praticamente todos os consumidores usam o *charro* como forma de consumo e, num dia típico, fumam, em média, cerca de 2 *charros*, independentemente do sexo, género e grupo etário. A quantidade de gramas de canábis herbácea que colocam no *charro* é bastante variável, sendo que 33% colocam 0,1 gramas ou menos, 26% colocam entre 0,1 gramas (não incluído) e 0,2 gramas e 35% colocam entre 0,2 gramas (não incluído) e 0,3 gramas.

Neste caso, há diferenças importantes em função do sexo, género e grupo etário, em que os homens/género masculino, e os mais jovens, principalmente de 18-24 anos, tendem a colocar mais canábis em cada *charro* (Tabela 6).

Conciliando as declarações quanto à frequência e quantidade de canábis usada em cada ocasião constata-se como, embora não se verifiquem diferenças importantes em função do sexo e do género quanto à frequência, os dados relativos à quantidade dão nota da persistência de um consumo mais intenso na população masculina. Paralelamente, os jovens de 18-24 anos consomem menos frequentemente que os três grupos etários seguintes mas usam mais canábis em cada *charro* que fumam, o que suscita o paralelismo com os comportamentos de consumo *binge* de bebidas alcoólicas entre os mais novos (Balsa, Vital & Urbano, 2018). Por sua vez, as pessoas de 55-64 anos consomem com menos frequência e fumam menor quantidade em cada ocasião.

Tendo presentes os elementos analisados, a manutenção e mesmo diminuição do consumo nos grupos etários mais avançados ocorre num quadro de consumo com menor frequência e quantidade por ocasião. Por sua vez, o grupo etário dos 18-24 anos destaca-se pela maior referência a alterações ao consumo, particularmente a sua diminuição. Tendo em conta o padrão de consumo reportado, coloca-se a hipótese de, à semelhança do consumo de bebidas alcoólicas em tempos de COVID, também o consumo de canábis entre os jovens ter sofrido uma diminuição por via da redução de oportunidades de consumo em contexto de convívio (SICAD, 2020).

Canábis Resina

28% dos consumidores de canábis resina declararam que a pandemia não teve qualquer impacto na quantidade de canábis resina consumida. Contudo, em comparação com o período anterior, 40% referiram que usaram menos e 23% que usaram mais.

Identificam-se diferenças significativas quanto a estas alterações em função do género e do grupo etário, com os consumidores de género não binário a mencionarem mais a diminuição do consumo e os consumidores mais velhos a alterarem menos o consumo (Tabela 7).

Neste período (2020-2021), cerca de 65% dos consumidores de canábis que participaram no estudo consumiram canábis na forma de resina.

A amostra é constituída por pessoas com uma frequência de consumo bastante variável, mas claramente não experimental. Apenas 20% (31% entre os consumidores de canábis resina) mencionaram consumir entre 1 a 10 dias nos 12 meses anteriores, cerca de 30% consumiram em 50 ou mais dias e, em particular, cerca de 16% (25% entre os consumidores de canábis resina), consumiram em 300 ou mais dias, o que poderá configurar um consumo diário/quase diário.

A frequência de consumo parece ser semelhante, independentemente do sexo e género, mas anotam-se diferenças importantes em função do grupo etário. Em primeiro lugar, considerando os consumidores de canábis ilícita em geral, os que mais referem o consumo de resina, independentemente da frequência, são os de 55-64 anos e os que menos mencionam são os de 25-34 anos. Considerando o grupo de consumidores de resina, são também os mais velhos que referem um consumo mais frequente, designadamente diário/quase diário (Tabela 8).

Praticamente todos os consumidores usam o *charro* como forma de consumo e, num dia típico, fumam, em média, cerca de 3 *charros*, independentemente do sexo, género e grupo etário. No entanto, alguns subgrupos parecem usar ligeiramente menos (géneros masculino e não binário, grupos etários de 25-34, 35-44 e 55-64 anos).

A quantidade de gramas de canábis resina que colocam no *charro* é bastante variável, sendo que 33% colocam 0,1 gramas ou menos, 23% colocam mais de 0,1 gramas até 0,2 gramas e 39% colocam mais de 0,2 gramas até 0,3 gramas.

Neste caso, há diferenças importantes em função do sexo, género e grupo etário, em que os homens/género masculino, e os mais jovens, principalmente de 18-24 anos, tendem a colocar mais canábis em cada *charro*. Por sua vez, os de 55-64 anos são os que colocam menor quantidade (Tabela 9).

Cruzando os dois tipos de indicadores constata-se como, apesar de a frequência de consumo ser semelhante, os homens/género masculino têm um consumo mais intenso, os jovens de 18-24 anos usam menos vezes mas uma maior quantidade por ocasião, e os grupos etários mais avançados fazem uma utilização mais frequente mas menos intensa por ocasião.

Canábis: herbácea e resina

Nesta amostra, a utilização da forma herbácea é mais popular do que a de resina. Até ao momento, os dados nacionais disponíveis sobre a forma de canábis mais utilizada dizem respeito a indicadores de mercado, isto é, indicadores referentes às apreensões de substâncias ilícitas (nº de apreensões e quantidades apreendidas). Estes têm evidenciado a canábis resina como mais disponível no mercado português do que a herbácea, embora esta esteja a ganhar terreno (SICAD, 2021a).

É possível que, inadvertidamente, as estratégias de divulgação do inquérito o tenham feito chegar mais a consumidores de canábis herbácea do que de resina, ou que os primeiros tenham aderido mais à participação do que os segundos. Por outro lado, é também plausível considerar que os dados do mercado são menos eficazes no que toca ao fenómeno do cultivo para uso pessoal e privado, e que, portanto, subdimensionem a utilização da forma herbácea. Por último, será ainda de considerar que o impacto da pandemia tenha sido maior no mercado de resina do que no de herbácea. Em ambos os casos, as quantidades apreendidas ao nível do retalho mantiveram-se semelhantes, a expensas da capacidade de adaptação do mercado, designadamente pela utilização de rotas alternativas. Identificam-se, contudo, algumas diferenças entre a resina e a herbácea, com um aumento da potência e pureza média da resina apreendida, enquanto as da forma herbácea se mantiveram estáveis (SICAD, 2021a).

Também na perspetiva dos utilizadores de cada um dos produtos a pandemia teve mais impacto no seu consumo de resina do que no de herbácea.

Comparando padrões de consumo de canábis herbácea e de resina em termos de intensidade, neste período particular da nossa história, verifica-se que a prevalência de consumo diário/quase diário é semelhante entre si mas o consumo menos frequente (1 a 10 dias nos 12 meses anteriores) é mais prevalente nos consumidores de resina.

O grupo etário de 45-54 anos destaca-se pela maior prevalência de consumo diário/quase diário de ambas as formas (dado que os participantes de 55-64 anos consumidores de resina usam com uma frequência igualmente elevada, mas não os de canábis herbácea), enquanto o de 18-24 anos se destaca pela razão oposta.

O *charro* é a forma de consumo de eleição em ambos os casos, mas os consumidores de resina tendem a fumar mais *charros* por dia e a colocar uma maior quantidade de canábis em cada um. Acrescem a esta diferenciação de risco de consumo os dados referentes à percentagem de THC dos produtos apreendidos, percentagem esta muito superior nos produtos de resina (SICAD, 2021a).

As particulares alterações ao padrão de consumo dos jovens de 18-24 anos em função do contexto pandémico, no sentido da diminuição, dão nota, possivelmente, de um maior peso de influência de fatores contextuais no seu consumo, não só em termos de motivações subjacentes mas também em termos de oportunidades. A julgar pelas suas declarações, trata-se de um grupo a dar particular atenção do ponto de vista da intervenção, tendo em conta a intensidade revelada no consumo em cada ocasião.

TABELA 4. IMPACTO PERCEBIDO DA PANDEMIA COVID-19 NO CONSUMO DE CANÁBIS HERBÁCEA
Consumidores de cânabís herbácea nos últimos 12 meses (%)

Impacto	Total n=2685	Sexo		Género			Grupo Etário*				
		Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=1914	n=735	n=1816	n=769	n=30	n=1295	n=891	n=322	n=129	n=39
Usou menos	30,1	29,1	32,2	29,3	31,7	36,7	34,7	26,4	23,0	26,4	35,9
Usou o mesmo	35,0	36,4	31,8	36,2	33,4	20,0	28,6	38,3	44,4	48,1	46,2
Usou mais	26,7	26,2	27,5	26,7	26,3	33,3	28,0	27,4	25,2	17,8	10,3
Não sabe	8,3	8,3	8,4	7,9	8,6	10,0	8,7	8,0	7,5	7,8	7,7

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSU)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

*p<0,01

TABELA 5. FREQUÊNCIA DE CONSUMO DE CANÁBIS HERBÁCEA NOS ÚLTIMOS 12 MESES

- Consumidores de cânabís (resina ou herbácea) (%) -

Nº de Dias	Total n=2940	Sexo		Género			Grupo Etário				
		Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=2076	n=826	n=1955	n=870	n=33	n=1410	n=933	n=366	n=163	n=58
0	12,1	11,3	13,9	10,4	14,9	15,2	10,3	8,6	17,8	25,8	39,7
1 a 5	11,7	10,8	13,7	10,8	14,1	6,1	12,8	10,3	12,6	9,2	10,3
6 a 10	6,2	5,6	7,7	5,8	7,1	6,1	6,4	6,0	6,3	5,5	3,4
11 a 20	6,6	6,1	7,9	6,2	7,8	3,0	7,2	6,4	4,6	6,1	10,3
21 a 50	8,4	7,9	9,8	8,1	9,4	6,1	9,2	8,0	7,7	6,1	8,6
51 a 80	6,2	6,5	5,6	6,7	5,2	15,2	8,0	4,7	4,1	3,7	5,2
81 a 100	5,8	5,8	5,6	6,1	5,1	9,1	6,8	4,7	5,5	3,7	5,2
101 a 150	6,6	6,5	6,7	6,6	6,4	6,1	6,9	6,3	7,4	3,1	6,9
151 a 200	5,1	5,7	3,5	5,5	3,8	6,1	5,5	4,9	4,1	4,9	3,4
201 a 250	4,9	5,4	3,4	5,6	3,0	12,1	5,2	5,8	2,5	4,3	..
251 a 300	6,7	6,8	6,4	6,8	6,6	..	6,5	8,8	4,9	1,2	1,7
301 a 350	8,9	9,6	7,0	9,9	6,8	9,1	8,0	10,6	8,7	9,8	1,7
Mais de 350	10,9	11,7	8,8	11,5	9,8	6,1	7,2	14,8	13,9	16,6	3,4

- Consumidores de cânabís herbácea (%) -

Nº de Dias	Total n=2584	Sexo		Género			Grupo Etário				
		Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=1841	n=711	n=1751	n=740	n=28	n=1265	n=853	n=301	n=121	n=35
0
1 a 5	13,3	12,2	15,9	12,1	16,6	7,1	14,2	11,3	15,3	12,4	17,1
6 a 10	7,0	6,4	9,0	6,5	8,4	7,1	7,1	6,6	7,6	7,4	5,7
11 a 20	7,5	6,9	9,1	7,0	9,2	3,6	8,0	7,0	5,6	8,3	17,1
21 a 50	9,6	9,0	11,4	9,0	11,1	7,1	10,3	8,8	9,3	8,3	14,3
51 a 80	7,0	7,3	6,5	7,5	6,1	17,9	8,9	5,2	5,0	5,0	8,6
81 a 100	6,6	6,6	6,5	6,9	5,9	10,7	7,6	5,2	6,6	5,0	8,6
101 a 150	7,5	7,3	7,7	7,4	7,6	7,1	7,7	6,9	9,0	4,1	11,4
151 a 200	5,8	6,5	4,1	6,1	4,5	7,1	6,2	5,4	5,0	6,6	5,7
201 a 250	5,6	6,1	3,9	6,2	3,5	14,3	5,8	6,3	3,0	5,8	..
251 a 300	7,7	7,7	7,5	7,5	7,7	..	7,3	9,6	6,0	1,7	2,9
301 a 350	10,1	10,9	8,2	11,0	8,0	10,7	8,9	11,6	10,6	13,2	2,9
Mais de 350	12,4	13,2	10,3	12,8	11,5	7,1	8,1	16,2	16,9	22,3	5,7

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSU)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

TABELA 6. QUANTIDADE DE CANÁBIS HERBÁCEA CONSUMIDA NOS ÚLTIMOS 12 MESES: FORMA USUAL DE CONSUMO, Nº DE CHARROS CONSUMIDOS NUM DIA TÍPICO, QUANTIDADE EM GRAMAS USUALMENTE COLOCADA EM CADA CHARRO

- Consumidores de canábis herbácea (%) -

Forma de consumo	Total	Sexo		Género			Grupo Etário				
	n=2599	Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=1852	n=715	n=1761	n=745	n=28	n=1274	n=854	n=305	n=121	n=36
Charro	94,9	94,5	96,2	94,5	95,8	92,9	96,0	93,7	94,8	93,4	94,4
Outro	5,1	5,5	3,8	5,5	4,2	7,1	4,0	6,3	5,2	6,6	5,6

- Consumidores de canábis herbácea em charros (%) -

Nº de charros	Total	Sexo		Género			Grupo Etário				
	n=2283	Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=1620	n=639	n=1545	n=659	n=25	n=1129	n=755	n=265	n=95	n=33
Média	2,4	2,4	2,3	2,4	2,3	2,3	2,5	2,3	2,4	2,4	2,4
I.C.	(0,8-4,0)	(0,8-4,1)	(0,7-3,9)	(0,8-4,0)	(0,7-3,9)	(0,9-3,6)	(0,9-4,1)	(0,7-4,0)	(0,7-4,0)	(0,6-4,1)	(0,1-4,7)
Mediana	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0	2,0

- Consumidores de canábis herbácea em charros (%) -

Gramas/charro	Total	Sexo		Género			Grupo Etário				
	n=2400	Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=1705	n=669	n=1629	n=687	n=26	n=1182	n=785	n=282	n=111	n=34
0,1 gr. ou menos	32,7	29,1	42,2	28,7	42,2	38,5	21,0	38,1	52,5	57,7	67,6
0,1 gr. (exc.) a 0,2gr.	25,5	25,5	25,9	26,1	24,9	30,8	24,5	28,9	24,5	17,1	20,6
0,2gr. (exc.) a 0,3gr.	34,9	36,9	29,1	37,0	29,7	19,2	44,7	28,0	20,9	22,5	8,8
Mais de 0,3gr.	6,9	8,5	2,8	8,3	3,2	11,5	9,9	5,0	2,1	2,7	2,9

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

10 ou mais charros/dia estatisticamente considerado outlier (N=74)

TABELA 7. IMPACTO PERCEBIDO DA PANDEMIA COVID-19 NO CONSUMO DE CANÁBIS RESINA
Consumidores de canábis resina nos últimos 12 meses (%)

Impacto	Total	Sexo		Género *			Grupo Etário*				
	n=1972	Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=1388	n=554	n=1294	n=587	n=23	n=1014	n=524	n=255	n=120	n=50
Usou menos	40,0	39,6	40,1	40,1	38,5	65,2	41,0	37,6	43,1	35,8	36,0
Usou o mesmo	28,3	29,1	27,1	28,7	28,4	13,0	23,4	32,8	30,6	40,8	44,0
Usou mais	23,3	22,9	24,7	22,8	25,6	13,0	26,4	21,4	20,4	15,8	12,0
Não sabe	8,4	8,4	8,1	8,3	7,5	8,7	9,2	8,2	5,9	7,5	8,0

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

*p<0,01

TABELA 8. FREQUÊNCIA DE CONSUMO DE CANÁBIS RESINA NOS ÚLTIMOS 12 MESES

- Consumidores de canábis (resina ou herbácea) (%) -

Nº de Dias	Total	Sexo		Género			Grupo Etário				
	n=2844	Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=2003	n=805	n=1890	n=847	n=28	n=1354	n=917	n=355	n=152	n=56
0	37,2	37,3	37,1	37,9	36,5	35,7	32,0	46,8	37,2	33,6	17,9
1 a 5	13,3	13,0	13,8	12,5	14,4	14,3	15,9	10,5	12,7	7,9	14,3
6 a 10	6,2	6,3	5,8	6,5	5,4	3,6	7,5	4,4	7,0	4,6	5,4
11 a 20	5,6	5,5	5,7	5,6	5,7	7,1	6,6	4,3	5,4	6,6	..
21 a 50	7,1	7,3	6,7	7,4	6,4	10,7	8,1	6,2	6,8	4,6	7,1
51 a 80
81 a 100	3,4	3,2	3,5	3,1	3,3	10,7	3,4	2,8	4,5	3,3	3,6
101 a 150	3,0	3,1	2,7	3,1	3,0	3,6	3,0	2,7	3,1	4,6	3,6
151 a 200	2,7	3,2	1,6	3,3	1,8	..	3,4	1,7	2,0	3,9	3,6
201 a 250	2,5	2,2	3,1	2,1	3,2	3,6	2,4	2,9	1,7	1,3	7,1
251 a 300	3,3	3,4	3,0	3,4	3,2	..	3,8	1,9	3,4	4,6	5,4
301 a 350	5,7	5,3	6,7	5,3	6,7	7,1	5,6	5,3	4,5	7,9	12,5
Mais de 350	10,1	10,0	10,2	9,8	10,5	3,6	8,3	10,5	11,8	17,1	19,6

- Consumidores de canábis resina (%) -

Nº de Dias	Total	Sexo		Género			Grupo Etário				
	n=1786	Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=1256	n=506	n=1174	n=538	n=18	n=921	n=488	n=223	n=101	n=46
0
1 a 5	21,2	20,8	21,9	20,2	22,7	a)	23,3	19,7	20,2	11,9	17,4
6 a 10	9,9	10,1	9,3	10,5	8,6		11,1	8,2	11,2	6,9	6,5
11 a 20	8,8	8,8	9,1	8,9	8,9		9,8	8,0	8,5	9,9	..
21 a 50	11,3	11,6	10,7	11,9	10,0		11,8	11,7	10,8	6,9	8,7
51 a 80
81 a 100	5,4	5,2	5,5	5,0	5,2		5,0	5,3	7,2	5,0	4,3
101 a 150	4,8	4,9	4,3	4,9	4,6		4,3	5,1	4,9	6,9	4,3
151 a 200	4,3	5,1	2,6	5,3	2,8		5,0	3,3	3,1	5,9	4,3
201 a 250	4,0	3,5	4,9	3,4	5,0		3,5	5,5	2,7	2,0	8,7
251 a 300	5,3	5,5	4,7	5,5	5,0		5,6	3,5	5,4	6,9	6,5
301 a 350	9,0	8,4	10,7	8,5	10,6		8,3	10,0	7,2	11,9	15,2
Mais de 350	16,1	16,0	16,2	15,8	16,5		12,3	19,7	18,8	25,7	23,9

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

TABELA 9. QUANTIDADE DE CANÁBIS RESINA CONSUMIDA NOS ÚLTIMOS 12 MESES: FORMA USUAL DE CONSUMO, Nº DE CHARROS CONSUMIDOS NUM DIA TÍPICO, QUANTIDADE EM GRAMAS USUALMENTE COLOCADA EM CADA CHARRO

- Consumidores de canábis resina (%) -											
Forma de consumo	Total	Sexo		Género			Grupo Etário				
	n=1928	Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=1367	n=534	n=1274	n=569	n=23	n=1000	n=515	n=244	n=112	n=50
Charro	96,6	96,6	96,8	96,5	96,8	91,3	96,1	96,3	98,8	96,4	98,0
Outro	3,4	3,4	3,2	3,5	3,2	8,7	3,9	3,7	1,2	3,6	2,0

- Consumidores de canábis resina em charros (%) -											
Nº de charros	Total	Sexo		Género			Grupo Etário				
	n=1791	Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=1266	n=503	n=1182	n=533	n=20	n=927	n=481	n=228	n=102	n=46
Média	3,0	3,0	3,1	3,0	3,1	2,5	3,0	3,0	3,1	3,0	2,9
I.C.	(0,8-5,2)	(0,8-5,1)	(0,8-5,3)	(0,8-5,1)	(0,8-5,3)	(1,2-3,8)	(0,9-5,1)	(0,8-5,1)	(0,6-5,7)	(0,6-5,3)	(0,6-5,1)
Mediana	3,0	3,0	2,0	2,4	3,0	2,0	3,0	2,0	2,0	3,0	2,0

- Consumidores de canábis resina em charros (%) -											
Gramas/charro	Total	Sexo		Género			Grupo Etário				
	n=1813	Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=1286	n=505	n=1199	n=536	n=21	n=935	n=482	n=235	n=107	n=47
0,1 gr. ou menos	33,2	30,0	41,4	30,0	41,0	42,9	22,5	36,3	50,6	58,9	68,1
0,1 gr. (exc.) a 0,2 gr.	22,6	23,1	22,4	23,8	21,6	19,0	24,1	22,8	20,9	16,8	12,8
0,2 gr. (exc.) a 0,3 gr.	38,9	40,3	34,5	39,9	35,3	33,3	46,1	37,1	26,4	21,5	19,1
Mais de 0,3 gr.	5,2	6,6	1,8	6,3	2,1	4,8	7,4	3,7	2,1	2,8	..

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

15 ou mais charros/dia estatisticamente considerado outlier (N=26)

LEGENDA: Hom. – Homem; Mul. – Mulher; Masc. – Masculino; Fem. – Feminino; NB – Não Binário; I.C. – Intervalo de Confiança

a) Pela sua reduzida dimensão, não são analisadas amostras inferiores a 20 elementos.

Cocaína

Segundo dados do Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral 2016/17, a prevalência de consumo recente (últimos 12 meses) na população residente (15-74 anos) de cocaína é de 0,2%, sendo a segunda substância ilícita mais consumida em Portugal. O rácio homem/mulher é de 3 para 1. A prevalência de consumo é maior nos grupos etários de 25-34 anos (0,5%) e de 35-44 anos (0,2%) (Balsa, Vital & Urbano, 2018).

No Inquérito Online Europeu sobre Drogas: Padrões de Consumo – Portugal 2021 participaram 741 consumidores recentes de cocaína no módulo sobre este produto, dos quais, 652 consumiram cocaína cloridrato e 121 consumiram cocaína base/crack.

O rácio homem/mulher e masculino/feminino é bastante distinto consoante o tipo de cocaína considerado. No caso da cocaína cloridrato é de 2 para 1, enquanto no caso da cocaína base/crack é de 4 para 1. Estes dois grupos de consumidores são bastante distintos no que diz respeito à estrutura etária. Os consumidores de cocaína cloridrato são mais jovens (32% com 18-24 anos, 42% com 25-34 anos), ao passo que os de base/crack têm, principalmente, 35-44 anos (32%) e 45-54 anos (28%) (Tabelas 1 a 3).

Cocaína cloridrato

24% dos consumidores de cocaína cloridrato declararam que a pandemia não teve qualquer impacto na quantidade consumida deste tipo de cocaína. Contudo, em comparação com o período anterior, 36% referiram que usaram menos e 21% que usaram mais. É também de destacar que 19% referiram não saber qual o efeito.

Não se identificaram diferenças significativas quanto a estas alterações em função do sexo, género ou grupo etário. Contudo, as mulheres/género feminino referem um pouco mais o aumento do consumo e os grupos etários mais avançados mencionam mais a manutenção do mesmo (Tabela 10).

Neste período particular (2020-2021), praticamente todos os consumidores de cocaína participantes no estudo (88%) consumiram cocaína em pó.

Cerca de metade dos consumidores de cocaína cloridrato usaram em 1 a 5 dias nos 12 meses anteriores. Independentemente do sexo, género e grupo etário esta é a frequência mais comum. Os homens/género masculino consomem ligeiramente mais frequentemente. Considerando o grupo etário, constata-se como, apesar de existirem mais jovens (18-24 anos) a consumirem cocaína cloridrato, a frequência com que usam é inferior à dos grupos etários posteriores, principalmente os de 35-44 e de 45-54 anos.

Praticamente não há referência a um consumo diário/quase diário. Embora seja expectável que o consumo diário/quase diário seja muito menos comum, é necessário considerar que as estratégias de recrutamento privilegiadas possam não ter chegado de forma tão eficaz a esta franja de consumidores (Tabela 11).

A maior proporção dos consumidores de cocaína pó consomem, num dia típico, 0,5 gramas (mediana). Tendo em conta a variação de experiências, a média é de 0,7 gramas. Verifica-se que os homens e o género masculino consomem ligeiramente mais. Já no que toca ao grupo etário, as pessoas de 35-44 e de 45-54 anos destacam-se muito claramente dos mais novos por consumirem mais gramas por dia (em média 0,9 gramas, mediana de 1 grama) (Tabela 12).

Conciliando as declarações quanto à frequência e quantidade de cocaína usada verifica-se que homens e mulheres consomem com uma intensidade muito próxima. Note-se que, para a mesma quantidade, o risco tende a ser maior para as mulheres, seja considerando fatores neurobiológicos, seja considerando fatores sociais. Os jovens utilizam mais a cocaína pó mas com menos frequência e quantidade que os grupos de 35-44 e de 45-54 anos, que provavelmente corresponderão a um outro tipo de motivações, perfil de utilizadores e de consumo.

Tendo em conta as declarações dos participantes no estudo quanto a alterações ao consumo no contexto de pandemia, será de considerar que a manutenção do consumo nos grupos etários mais avançados ocorre num quadro de consumo mais intenso, em frequência e quantidade. Esta intensidade neste grupo de utilizadores poderá estar ligada a motivações para o consumo menos influenciadas pelo contexto e/ou, porventura, a um acesso mais facilitado ao produto mesmo em condições pandémicas.

Cocaína base/crack

42% dos consumidores de cocaína base/crack declararam que a pandemia não teve qualquer impacto na quantidade consumida. Contudo, em comparação com o período anterior, 25% referiram que usaram menos e 20% que usaram mais¹.

Não se identificam diferenças significativas quanto a estas alterações em função do género ou do grupo etário, mas identificam-se relativamente ao sexo. No grupo de 94 participantes do sexo masculino há uma referência superior à manutenção do consumo (46%) em comparação com o grupo de 22 mulheres (32%). Adicionalmente, enquanto entre os homens as alterações foram mais no sentido da diminuição do consumo, no grupo de mulheres foram mais no sentido do aumento. É esta também a análise em função do género. Constata-se, ainda, que à medida que se consideram grupos etários mais avançados, a prevalência de manutenção do consumo aumenta (Tabela 13).

Neste período (2020-2021), cerca de 16% dos consumidores de cocaína que participaram no estudo consumiram na forma de base/crack. Sendo expectável uma proporção menor, importa considerar que esta é claramente influenciada pela estratégia de recrutamento utilizada, preponderantemente por via virtual, embora o estudo também tenha sido divulgado em estruturas de tratamento e de redução de riscos e minimização de danos a nível nacional.

Cerca de um terço dos consumidores de cocaína base/crack usou em 1 a 5 dias nos 12 meses anteriores (5% do total de consumidores de cocaína). O consumo diário/quase diário tem uma prevalência de 7% entre os consumidores desta forma de cocaína. Nesta amostra, as

¹ Nesta análise, importa considerar que a amostra de consumidores conta com 119 participantes, que se reduzem em função dos subgrupos considerados.

mulheres/género feminino consomem mais frequentemente do que os homens/género masculino, e, considerando os grupos etários, parecem consumir mais frequentemente os consumidores de 45-54 anos (Tabela 14).

Em média, são consumidas 1,3 gramas de crack por dia, com alguma variação de experiências. O consumo mais mencionado é de 1 grama por dia. Em média, as mulheres/género feminino consomem razoavelmente mais por efeito de estarem incluídas na amostra participantes com um consumo mais elevado do que na amostra de homens pois a mediana é a mesma, 1 grama. Considerando os grupos etários, verifica-se que os 35 participantes de 35-44 anos são os que mais consomem em quantidade diária, mas muito próxima dos 26 participantes de 25-34 anos. Os consumidores do grupo etário seguinte (45-54 anos) são os que consomem menos por dia (Tabela 15).

Cruzando os dois tipos de indicadores constata-se como, nesta amostra, as mulheres/género feminino têm um consumo mais intenso em frequência e quantidade e que apesar do consumo mais frequente, os consumidores mais velhos consomem menos gramas por dia.

Cocaína: cloridrato e base/crack

A amostra de consumidores de cocaína cloridrato é muito superior à amostra de consumidores de base/crack, desproporção que corresponde ao expectável.

Constata-se que os consumidores de cocaína cloridrato alteraram mais a quantidade consumida do que os consumidores de base/crack. Considerando as variáveis em análise, são duas populações bastante distintas, com a de consumidores de base/crack a ser preponderantemente mais masculina, mais velha e com um consumo mais intenso. Os motivos para a maior manutenção de consumos neste grupo podem ser vários, nomeadamente uma maior preponderância da dependência da cocaína no grupo de consumidores de base/crack, ou uma maior facilidade de acesso, mesmo em circunstâncias pandémicas.

Os dados do mercado não permitem diferenciar as duas formas de cocaína quanto a variações na sua disponibilidade em 2020. Neste ano, diminuiu, em geral, o número de apreensões e as quantidades de cocaína confiscadas, mas sobretudo nos patamares de mercado médio e grossista. A julgar pelos dados das apreensões, o grau de pureza de cocaína pó, normalmente superior ao de cocaína base/crack, diminuiu em 2020, enquanto o de base/crack aumentou, contrariando a tendência de anos anteriores (SICAD, 2021a).

Não é possível afirmar que a quantidade de cocaína disponível tenha diminuído significativamente mas é plausível que esta alteração ao nível da pureza das duas formas, em contra tendência de anos anteriores, estejam relacionadas com flutuações na droga disponível face às necessidades de diferentes tipos de utilizadores. Alterações na pureza sem conhecimento dos utilizadores são sempre um risco acrescido ao consumo, considerando os níveis de tolerâncias diferenciados e o que implica de risco quanto às substâncias adulterantes adicionadas.

Independentemente do tipo de cocaína, verifica-se, ainda, que no sexo/género masculino e nos grupos etários mais avançados é mais comum a manutenção do consumo do que nos outros subgrupos populacionais.

TABELA 10. IMPACTO PERCEBIDO DA PANDEMIA COVID-19 NO CONSUMO DE COCAÍNA PÓ
Consumidores de cocaína pó nos últimos 12 meses (%)

Impacto	Total n=643	Sexo		Género			Grupo Etário				
		Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=442	n=198	n=412	n=212	n=4	n=203	n=268	n=118	n=48	n=6
Usou menos	36,4	36,2	36,9	36,7	36,3	a)	35,5	38,8	33,1	37,5	a)
Usou o mesmo	23,8	25,1	20,2	26,0	20,3		20,7	22,8	27,1	31,3	
Usou mais	20,7	19,7	23,2	19,4	24,1		20,7	19,4	25,4	18,8	
Não sabe	19,1	19,0	19,7	18,0	19,3		23,2	19,0	14,4	12,5	

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

TABELA 11. FREQUÊNCIA DE CONSUMO DE COCAÍNA PÓ NOS ÚLTIMOS 12 MESES

- Consumidores de cocaína (pó ou base/crack) (%) -

Nº de Dias	Total n=729	Sexo		Género			Grupo Etário				
		Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=515	n=208	n=481	n=223	n=4	n=207	n=288	n=145	n=75	n=14
0	11,8	13,6	6,7	13,7	6,7	a)	1,9	6,3	20,0	36,0	a)
1 a 5	47,5	45,6	52,4	45,3	52,5		63,8	47,6	33,8	32,0	
6 a 10	11,4	11,1	12,0	11,6	11,7		10,6	14,9	9,0	6,7	
11 a 20	10,4	9,7	12,5	9,8	11,7		11,6	10,8	11,7	5,3	
21 a 50	9,3	9,5	8,7	9,6	8,5		5,8	9,7	11,0	13,3	
51 a 80	2,2	2,5	1,4	2,5	1,3		1,0	3,1	3,4	..	
81 a 100	2,5	2,5	2,4	2,3	3,1		2,9	2,4	3,4	..	
101 a 150	1,6	1,7	1,4	1,7	1,3		0,5	1,7	3,4	1,3	
151 a 200	1,5	1,7	1,0	1,5	1,8		1,4	1,7	1,4	1,3	
201 a 250	1,1	1,2	1,0	1,2	0,9		0,5	0,7	2,1	2,7	
251 a 300	0,4	0,6	..	0,6	0,7	0,7	..	
301 a 350	0,3	0,2	0,5	0,2	0,4		..	0,3	..	1,3	
Mais de 350	

- Consumidores de cocaína pó (%) -

Nº de Dias	Total n=643	Sexo		Género			Grupo Etário				
		Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=445	n=194	n=415	n=208	n=4	n=203	n=270	n=116	n=48	n=6
0
1 a 5	53,8	52,8	56,2	52,5	56,3	a)	65,0	50,7	42,2	50,0	a)
6 a 10	12,9	12,8	12,9	13,5	12,5		10,8	15,9	11,2	10,4	
11 a 20	11,8	11,2	13,4	11,3	12,5		11,8	11,5	14,7	8,3	
21 a 50	10,6	11,0	9,3	11,1	9,1		5,9	10,4	13,8	20,8	
51 a 80	2,5	2,9	1,5	2,9	1,4		1,0	3,3	4,3	..	
81 a 100	2,8	2,9	2,6	2,7	3,4		3,0	2,6	4,3	..	
101 a 150	1,9	2,0	1,5	1,9	1,4		0,5	1,9	4,3	2,1	
151 a 200	1,7	2,0	1,0	1,7	1,9		1,5	1,9	1,7	2,1	
201 a 250	1,2	1,3	1,0	1,4	1,0		0,5	0,7	2,6	4,2	
251 a 300	0,5	0,7	..	0,7	0,7	0,9	..	
301 a 350	0,3	0,2	0,5	0,2	0,5		..	0,4	..	2,1	
Mais de 350	

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

TABELA 12. QUANTIDADE DE COCAÍNA PÓ CONSUMIDA NOS ÚLTIMOS 12 MESES: GRAMAS CONSUMIDAS NUM DIA TÍPICO
Consumidores de cocaína pó nos últimos 12 meses (%)

Gramas/Dia	Total	Sexo		Género			Grupo Etário				
	n=611	Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=421	n=187	n=392	n=200	n=4	n=190	n=259	n=111	n=45	n=6
Média	0,7	0,8	0,7	0,7	0,7	a)	0,7	0,7	0,9	0,9	a)
I.C.	(0,1-1,4)	(0,1-1,4)	(0,1-1,2)	(0,1-1,4)	(0,1-1,3)		(0,1-1,3)	(0,1-1,3)	(0,2-1,6)	(0,1-1,8)	
Mediana	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5		0,5	0,5	1,0	1,0	

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use* (EWSD) - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

Valores de 6 ou mais gramas/dia estatisticamente considerados outliers (N=18)

TABELA 13. IMPACTO PERCEBIDO DA PANDEMIA COVID-19 NO CONSUMO DE COCAÍNA CRACK
Consumidores de cocaína base/crack nos últimos 12 meses (%)

Impacto	Total	Sexo*		Género			Grupo Etário				
	n=119	Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=94	n=22	n=88	n=24	n=1	n=9	n=28	n=39	n=34	n=9
Usou menos	25,2	26,6	18,2	26,1	16,7	a)	a)	17,9	25,6	26,5	a)
Usou o mesmo	42,0	45,7	31,8	44,3	37,5			35,7	38,5	50,0	
Usou mais	20,2	17,0	36,4	17,0	33,3			25,0	23,1	14,7	
Não sabe	12,6	10,6	13,6	12,5	12,5			21,4	12,8	8,8	

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use* (EWSD) - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

*p<0,01

TABELA 14. FREQUÊNCIA DE CONSUMO DE COCAÍNA BASE/CRACK NOS ÚLTIMOS 12 MESES

- Consumidores de cocaína (pó ou base/crack) (%) -

Nº de Dias	Total n=731	Sexo		Género			Grupo Etário				
		Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=513	n=212	n=480	n=227	n=4	n=209	n=290	n=144	n=74	n=14
0	84,4	82,3	90,6	81,9	90,7	a)	95,2	90,3	76,4	55,4	a)
1 a 5	5,2	6,2	2,4	6,5	2,2		a)	3,8	6,3	14,9	
6 a 10	1,9	1,9	0,9	2,3	0,9			1,0	4,9	2,7	
11 a 20	1,2	1,4	0,9	1,5	0,9			0,3	2,8	2,7	
21 a 50	1,9	2,5	0,5	2,5	0,9			0,3	2,8	6,8	
51 a 80	1,6	1,8	1,4	1,7	1,3			1,0	3,5	4,1	
81 a 100	0,5	0,6	0,5	0,6	0,4			0,7	..	2,7	
101 a 150	0,7	0,8	0,5	0,8	0,4			0,7	..	2,7	
151 a 200	0,5	0,8	..	0,8	..			0,7	0,7	1,4	
201 a 250	0,4	0,2	0,9	..	0,9			..	0,7	2,7	
251 a 300	0,4	0,4	0,5	0,4	0,4			0,3	1,4	..	
301 a 350	0,4	0,6	..	0,6	1,4	
Mais de 350	0,7	0,6	0,9	0,4	0,9			0,7	0,7	2,7	

- Consumidores de cocaína base/crack (%) -

Nº de Dias	Total n=114	Sexo		Género			Grupo Etário				
		Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=91	n=20	n=87	n=21	n=1	n=10	n=28	n=34	n=33	n=9
0
1 a 5	33,3	35,2	25,0	35,6	23,8	a)	a)	39,3	26,5	33,3	a)
6 a 10	12,3	11,0	10,0	12,6	9,5			10,7	20,6	6,1	
11 a 20	7,9	7,7	10,0	8,0	9,5			3,6	11,8	6,1	
21 a 50	12,3	14,3	5,0	13,8	9,5			3,6	11,8	15,2	
51 a 80	10,5	9,9	15,0	9,2	14,3			10,7	14,7	9,1	
81 a 100	3,5	3,3	5,0	3,4	4,8			7,1	..	6,1	
101 a 150	4,4	4,4	5,0	4,6	4,8			7,1	..	6,1	
151 a 200	3,5	4,4	..	4,6	..			7,1	2,9	3,0	
201 a 250	2,6	1,1	10,0	..	9,5			..	2,9	6,1	
251 a 300	2,6	2,2	5,0	2,3	4,8			3,6	5,9	..	
301 a 350	2,6	3,3	..	3,4	3,0	
Mais de 350	4,4	3,3	10,0	2,3	9,5			7,1	2,9	6,1	

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

TABELA 15. QUANTIDADE DE COCAÍNA BASE/CRACK CONSUMIDA NOS ÚLTIMOS 12 MESES: CONSUMIDAS NUM DIA TÍPICO **GRAMAS**
Consumidores de cocaína
base/crack nos últimos 12 meses (%)

Gramas/Dia	Total n=110	Sexo		Género			Grupo Etário				
		Hom. n=86	Mul. n=21	Masc. n=80	Fem. n=23	NB n=1	18-24 n=7	25-34 n=26	35-44 n=35	45-54 n=33	55-64 n=9
Média	1,3	1,2	1,6	1,1	1,8	a)	a)	1,5	1,6	0,9	a)
I.C.	(0,0-2,7)	(0,0-2,5)	(0,0-3,2)	(0,0-2,3)	(0,2-3,3)			(0,1-2,9)	(0,1-3,0)	(0,0-2,1)	
Mediana	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0			1,0	1,0	0,5	

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

Valores de 7 ou mais gramas/dia estatisticamente considerados outliers (N=4)

LEGENDA: Hom. – Homem; Mul. – Mulher; Masc. – Masculino; Fem. – Feminino; NB – Não Binário; I.C. – Intervalo de Confiança

a) Pela sua reduzida dimensão, não são analisadas amostras inferiores a 20 elementos.

Ecstasy

Segundo dados do Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral 2016/17, a prevalência de consumo recente (últimos 12 meses) na população residente (15-74 anos) de ecstasy é de 0,1%, sendo a terceira substância ilícita mais consumida em Portugal. O rácio homem/mulher é de 2 para 1. A prevalência de consumo é maior nos grupos etários de 15-24 anos (0,4%) e de 35-44 anos (0,2%) (Balsa, Vital & Urbano, 2018).

No Inquérito Online Europeu sobre Drogas: Padrões de Consumo – Portugal 2021 participaram 750 consumidores recentes de ecstasy no módulo sobre este produto, dos quais, 535 consomem em pastilhas e 503 em pó/cristal.

Independentemente da forma de consumo, o rácio homem/mulher e masculino/feminino é de 2 para 1 e a amostra é constituída, principalmente, por jovens de 18-24 anos, seguindo-se o grupo dos de 25-34 anos (Tabelas 1 a 3).

Na perspetiva dos consumidores, a pandemia teve um grande impacto na sua utilização de ecstasy, sendo que apenas 17% negaram qualquer impacto na quantidade consumida. Em comparação com o período anterior, 56% referiram que usaram menos e 11% que usaram mais. É também de destacar que 17% referiram não saber qual o efeito.

Identificaram diferenças significativas quanto a estas alterações em função do sexo e do grupo etário. Em comparação com as mulheres (e género feminino), os homens (e género masculino) alteraram mais o consumo neste período, e a percentagem dos que o diminuíram é maior do que nas mulheres. Por sua vez, os mais jovens (18-24 anos), em comparação com os restantes grupos etários, referem menos a diminuição do consumo e mais o desconhecimento quanto a alterações (Tabela 16).

Neste período particular (2020-2021), cerca de dois terços dos consumidores de ecstasy usaram em 1 a 5 dias nos 12 meses anteriores. Independentemente do sexo, género e grupo etário esta é a frequência preponderante. Praticamente não há referência a um consumo diário/quase diário (Tabela 17).

A maior proporção dos consumidores de ecstasy, num dia típico em que usem este produto, consomem uma pastilha (mediana/média) e/ou meia grama de pó/cristal (mediana, média de 0,7 gramas).

Estes valores diferem pouco em função do sexo, género ou grupo etário (Tabela 18). A quantidade de pó/cristal usado é ligeiramente superior no género feminino e no grupo etário de 18-24 anos. O número de pastilhas é ligeiramente superior no sexo masculino e no grupo etário de 35-44 anos.

Conciliando as declarações quanto à frequência e quantidade de ecstasy usado verifica-se que, entre os consumidores, há poucas diferenças na intensidade do consumo em função do sexo, género ou grupo etário.

Tendo em conta as declarações dos participantes no estudo quanto a alterações ao consumo no contexto de pandemia, será de considerar que este é particularmente sensível a oportunidades, condições e motivações ligadas ao contexto.

Considerando os dados disponíveis relativamente ao mercado, o ecstasy foi o produto ilícito que registou as maiores variações entre 2019 e 2020 ao nível dos vários indicadores, no sentido da diminuição da sua disponibilidade: o número de apreensões e as quantidades confiscadas diminuíram razoavelmente, tendo diminuído também o preço, enquanto a pureza manteve a tendência de aumento (SICAD, 2021a).

TABELA 16. IMPACTO PERCEBIDO DA PANDEMIA COVID-19 NO CONSUMO DE ECSTASY
Consumidores de ecstasy nos últimos 12 meses (%)

Impacto	Total	Sexo*		Género			Grupo Etário**				
	n=737	Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=490	n=241	n=466	n=241	n=12	n=405	n=241	n=63	n=25	n=3
Usou menos	55,4	58,0	50,6	57,5	51,0	a)	47,9	66,4	61,9	56,0	a)
Usou o mesmo	16,8	14,7	21,2	15,2	21,2		16,8	16,6	17,5	16,0	
Usou mais	11,3	11,0	10,8	12,0	9,5		13,8	6,6	9,5	20,0	
Não sabe	16,6	16,3	17,4	15,2	18,3		21,5	10,4	11,1	8,0	

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

*p<0,05 **p<0,01

TABELA 17. FREQUÊNCIA DE CONSUMO DE ECSTASY NOS ÚLTIMOS 12 MESES
Consumidores de ecstasy nos últimos 12 meses (%)

Nº de Dias	Total	Sexo		Género			Grupo Etário				
	n=737	Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=490	n=241	n=464	n=243	n=12	n=405	n=241	n=62	n=26	n=3
0
1 a 5	65,7	64,7	67,6	64,7	66,3	a)	65,2	67,6	64,5	57,7	a)
6 a 10	16,1	16,7	14,9	16,4	16,0		15,8	15,8	19,4	19,2	
11 a 20	9,9	10,4	9,1	10,6	9,5		11,4	7,1	11,3	11,5	
21 a 50	4,5	3,9	5,4	3,7	5,8		5,2	4,1	..	7,7	
51 a 80	1,1	1,2	0,8	1,3	0,8		0,2	2,5	..	3,8	
81 a 100	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4		0,5	..	1,6	..	
101 a 150	0,3	0,2	0,4	0,4	..		0,2	0,4	
151 a 200	1,2	1,4	0,8	1,5	0,8		0,7	1,7	1,6	..	
201 a 250	0,1	0,2	..	0,2	0,4	
251 a 300	0,3	0,2	0,4	0,2	0,4		0,5	
301 a 350	0,1	0,2	..	0,2	1,6	..	
Mais de 350	0,3	0,4	..	0,4	..		0,2	0,4	

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

**TABELA 18. QUANTIDADE DE ECSTASY CONSUMIDA NOS ÚLTIMOS 12 MESES:
GRAMAS E/OU PASTILHAS CONSUMIDAS NUM DIA TÍPICO
Consumidores de ecstasy nos últimos 12 meses (%)**

	Total n=467	Sexo		Género			Grupo Etário				
		Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
Gramas/Dia		n=309	n=154	n=291	n=158	n=5	n=245	n=159	n=44	n=18	n=1
Média	0,7	0,7	0,7	0,7	0,8	a)	0,8	0,6	0,6	a)	a)
I.C.	(0,1-1,3)	(0,1-1,3)	(0,1-1,4)	(0,1-1,2)	(0,1-1,5)		(0,2-1,4)	(0,0-1,3)	(0,1-1,2)		
Mediana	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5		0,5	0,5	0,5		

	Total n=522	Sexo		Género			Grupo Etário				
		Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
Pastilhas/Dia		n=362	n=156	n=341	n=158	n=10	n=305	n=163	n=35	n=17	n=2
Média	1,2	1,3	1,1	1,2	1,2	a)	1,2	1,2	1,5	a)	a)
I.C.	(0,4-2,0)	(0,4-2,1)	(0,4-1,9)	(0,4-2,1)	(0,4-2,0)		(0,4-2,0)	(0,4-1,9)	(0,4-2,7)		
Mediana	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0		1,0	1,0	1,0		

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

Valores de 4 ou mais gramas/dia estatisticamente considerados outliers (N=7)

Valores de 6 ou mais pastilhas/dia estatisticamente considerados outliers (N=4)

LEGENDA: Hom. – Homem; Mul. – Mulher; Masc. – Masculino; Fem. – Feminino; NB – Não Binário; I.C. – Intervalo de Confiança

a) Pela sua reduzida dimensão, não são analisadas amostras inferiores a 20 elementos.

Anfetaminas

Segundo dados do Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral 2016/17, a prevalência de consumo recente (últimos 12 meses) na população residente (15-74 anos) de anfetaminas é inferior a 0,1% (Balsa, Vital & Urbano, 2018).

No Inquérito Online Europeu sobre Drogas: Padrões de Consumo – Portugal 2021 participaram 192 consumidores recentes de anfetaminas no módulo sobre este produto, dos quais, 130 consomem na forma pó/cristal e 87 em pastilhas.

Independentemente da forma de consumo, o rácio homem/mulher e masculino/feminino não chega a 2 para 1, sendo de 1,7 quanto ao consumo de pó/cristal e de 1,5 quanto ao consumo de pastilhas. A amostra é constituída, principalmente, por jovens de 18-24 anos (metade dos consumidores), seguindo-se o grupo dos de 25-34 anos (um terço dos consumidores) (Tabelas 1 a 3).

Na perspetiva dos consumidores, a pandemia teve um grande impacto na sua utilização de anfetaminas, sendo que apenas 24% negaram qualquer impacto na quantidade consumida. Em comparação com o período anterior, 46% referiram que usaram menos e 14% que usaram mais. É também de destacar que 16% referiram não saber qual o efeito.

Não se identificaram diferenças significativas quanto a estas alterações em função do sexo, género ou grupo etário. Verifica-se, no entanto, que as mulheres/género feminino reduziram mais o consumo do que os homens/género masculino e que o impacto no consumo é maior no grupo etário de 18-24 anos do que nos seguintes (Tabela 19).

Neste período particular (2020-2021), cerca de metade ou mais dos consumidores de anfetaminas usaram em 1 a 5 dias nos 12 meses anteriores. Independentemente do sexo, género e grupo etário esta é a frequência preponderante. Praticamente não há referência a um consumo diário/quase diário (Tabela 20).

A maior proporção dos consumidores de anfetaminas, num dia típico em que usem este produto, consomem uma pastilha (mediana/mediana) e/ou meia grama de pó/cristal (mediana, média de 0,7 gramas).

Estes valores diferem pouco em função do sexo, género ou grupo etário. A quantidade de pó/cristal usado é ligeiramente superior no sexo masculino e o número de pastilhas é ligeiramente superior no género masculino (Tabela 21).

Conciliando as declarações quanto à frequência e quantidade de anfetaminas usadas verifica-se que, entre os consumidores, há poucas diferenças na intensidade do consumo em função do sexo, género ou grupo etário.

TABELA 19. IMPACTO PERCEBIDO DA PANDEMIA COVID-19 NO CONSUMO DE ANFETAMINAS

Consumidores de anfetaminas nos últimos 12 meses (%)

Impacto	Total	Sexo		Género			Grupo Etário				
	n=189	Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=115	n=69	n=112	n=68	n=2	n=96	n=63	n=20	n=7	n=3
Usou menos	46,0	42,6	53,6	42,0	54,4	a)	46,9	47,6	45,0	a)	a)
Usou o mesmo	23,8	24,3	23,2	24,1	23,5		17,7	30,2	25,0		
Usou mais	14,3	16,5	8,7	16,1	8,8		16,7	11,1	15,0		
Não sabe	15,9	16,5	14,5	17,9	13,2		18,8	11,1	15,0		

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

TABELA 20. FREQUÊNCIA DE CONSUMO DE ANFETAMINAS NOS ÚLTIMOS 12 MESES

Consumidores de anfetaminas nos últimos 12 meses (%)

Nº de Dias	Total	Sexo		Género			Grupo Etário				
	n=189	Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
		n=116	n=241	n=113	n=67	n=2	n=96	n=63	n=20	n=7	n=3
0
1 a 5	56,6	56,0	58,8	56,6	56,7	a)	58,3	50,8	65,0	a)	a)
6 a 10	16,9	17,2	16,2	17,7	16,4		18,8	19,0	5,0		
11 a 20	10,6	10,3	10,3	10,6	10,4		10,4	14,3	5,0		
21 a 50	6,3	5,2	7,4	5,3	7,5		4,2	7,9	10,0		
51 a 80	1,6	0,9	2,9	0,9	3,0		2,1	1,6	..		
81 a 100	2,6	3,4	1,5	2,7	3,0		3,1	..	5,0		
101 a 150		
151 a 200	2,6	3,4	1,5	3,5	1,5		1,0	4,8	5,0		
201 a 250	1,1	1,7	..	0,9	1,6	..		
251 a 300		
301 a 350		
Mais de 350	1,6	1,7	1,5	1,8	1,5		2,1	..	5,0		

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

**TABELA 21. QUANTIDADE DE ANFETAMINAS CONSUMIDA NOS ÚLTIMOS 12 MESES:
GRAMAS E/OU PASTILHAS CONSUMIDAS NUM DIA TÍPICO**
Consumidores de anfetaminas nos últimos 12 meses (%)

	Total	Sexo		Género			Grupo Etário				
		Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
Gramas/Dia	n=116	n=74	n=40	n=72	n=39	n=1	n=52	n=40	n=18	n=3	n=3
Média	0,7	0,8	0,7	0,7	0,7	a)	0,8	0,8	a)	a)	a)
I.C.	(0,1-1,3)	(0,1-1,4)	(0,1-1,2)	(0,1-1,3)	(0,1-1,3)		(0,2-1,4)	(0,2-1,4)			
Mediana	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5		0,7	0,6			
Pastilhas/Dia	n=79	n=47	n=31	n=46	n=31	n=1	n=47	n=25	n=4	n=3	n=0
Média	1,3	1,3	1,3	1,4	1,3	a)	1,4	1,4	a)	a)	a)
I.C.	(0,5-2,1)	(0,4-2,3)	(0,7-1,9)	(0,4-2,3)	(0,6-1,9)		(0,4-2,3)	(0,8-1,9)			
Mediana	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0		1,0	1,0			

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

Valores de 4 ou mais gramas/dia estatisticamente considerados outliers (N=4)
Valores de 6 ou mais pastilhas/dia estatisticamente considerados outliers (N=4)

LEGENDA: Hom. – Homem; Mul. – Mulher; Masc. – Masculino; Fem. – Feminino; NB – Não Binário; I.C. – Intervalo de Confiança

a) Pela sua reduzida dimensão, não são analisadas amostras inferiores a 20 elementos.

Metanfetaminas

No Inquérito Online Europeu sobre Drogas: Padrões de Consumo – Portugal 2021 participaram 51 consumidores recentes de metanfetaminas no módulo sobre este produto, dos quais, 31 consomem na forma pó/cristal e 22 em pastilhas. Não existem estimativas da prevalência de consumo deste tipo de produto na população geral.

A amostra é constituída por cerca de três quartos de homens/género masculino e um quarto de mulheres/género feminino. Quanto ao grupo etário predominam os consumidores de 25-34 anos, seguindo-se os de 18-24 anos e, depois, os de 35-44 anos (um quarto dos consumidores) (Tabelas 1 a 3).

Nesta amostra, a maioria dos consumidores alterou o seu padrão de consumo em termos de quantidade, face à pandemia e 29% mantiveram o consumo. As alterações foram, predominantemente, no sentido da diminuição. 37% usaram menos e 20% usaram mais. É de notar que 14% desconhecem que alterações ocorreram (Tabela 22).

Neste período particular (2020-2021), um pouco de mais de metade dos consumidores de metanfetaminas usaram em 1 a 5 dias nos 12 meses anteriores e um quarto usou em 6 a 10 dias. Não há referência a um consumo diário/quase diário (Tabela 23).

A maior proporção destes consumidores de metanfetaminas, num dia típico em que usem este produto, consomem uma pastilha (mediana, média de 1,6) e/ou meia grama de pó/cristal (mediana, média de 0,7 gramas) (Tabela 24).

TABELA 22. IMPACTO PERCEBIDO DA PANDEMIA COVID-19 NO CONSUMO DE METANFETAMINAS

Consumidores de metanfetaminas nos últimos 12 meses (%)

Impacto	Total
	n=51
Usou menos	37,3
Usou o mesmo	29,4
Usou mais	19,6
Não sabe	13,7

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

TABELA 23. FREQUÊNCIA DE CONSUMO DE METANFETAMINAS NOS ÚLTIMOS 12 MESES

Consumidores de metanfetaminas nos últimos 12 meses (%)

Nº de Dias	Total
	n=51
0	..
1 a 5	58,8
6 a 10	23,5
11 a 20	..
21 a 50	2,0
51 a 80	..
81 a 100	3,9
101 a 150	3,9
151 a 200	3,9
201 a 250	..
251 a 300	3,9
301 a 350	..
Mais de 350	..

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

**TABELA 24. QUANTIDADE DE METANFETAMINAS CONSUMIDA NOS ÚLTIMOS 12 MESES:
GRAMAS E/OU PASTILHAS CONSUMIDAS NUM DIA TÍPICO**
Consumidores de metanfetaminas nos últimos 12 meses (%)

	Total
Gramas/Dia	n=27
Média	0,7
I.C.	(0,1-1,2)
Mediana	0,5
	Total
Pastilhas/Dia	n=20
Média	1,6
I.C.	(0,1-3,0)
Mediana	1,0

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

Valores de 5 ou mais gramas/dia estatisticamente considerados outliers (N=1);

Valores de 20 ou mais pastilhas/dia estatisticamente considerados outliers (N=1)

LEGENDA: I.C. – Intervalo de Confiança

Novas Substâncias Psicoativas

Segundo dados do Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral 2016/17, a prevalência de consumo recente (últimos 12 meses) na população residente (15-74 anos) de Novas Substâncias Psicoativas é de 0,2% (0,1% de canabinóides sintéticos, 0,1% de catinonas sintéticas, 0,1% de plantas ou outras). O rácio homem/mulher é de 3 para 1. A prevalência de consumo é maior nos grupos etários de 25-34 anos (0,4%) e de 15-24 anos (0,3%) (Balsa, Vital & Urbano, 2018).

No Inquérito Online Europeu sobre Drogas: Padrões de Consumo – Portugal 2021 participaram 155 consumidores recentes de Novas Substâncias Psicoativas no módulo sobre este grupo de produtos. Estes foram por sua vez questionados quanto ao nome da NSP usada mais frequentemente. A partir da codificação destas respostas, verifica-se serem mais enunciadas substâncias enquadradas nas categorias de fenetilaminas (N=34), triptaminas (N=31) e catinonas sintéticas (N=24).

Considerando as NSP globalmente, o rácio homem/mulher e masculino/feminino é um pouco inferior a 3 para 1 e a amostra é constituída, principalmente, por jovens de 18-24 anos (metade dos consumidores), seguindo-se o grupo dos de 25-34 anos (um terço dos consumidores) (Tabelas 1 a 3).

Cerca de metade dos utilizadores alterou a quantidade de NSP usadas em função da pandemia. Em comparação com o período anterior, 30% referiram que usaram menos e 28% que usaram mais. Apenas um quarto manteve o padrão de consumo. É também de destacar que 19% referiram não saber qual o efeito.

Identificaram diferenças significativas quanto a estas alterações em função do género, com o género feminino a manterem mais o consumo do que o masculino, e com um predomínio de alterações no sentido da diminuição, quando registadas. Considerando os dois grupos etários com informação disponível verifica-se que os mais jovens (18-24 anos) diminuíram um pouco mais o consumo do que os utilizadores de 25-34 anos (Tabela 25).

Neste período particular (2020-2021), a grande maioria dos consumidores de novas substâncias psicoativas usaram em 1 a 5 dias nos 12 meses anteriores. Independentemente do sexo, género e grupo etário esta é a frequência preponderante. Praticamente não há referência a um consumo diário/quase diário (Tabela 26). Quanto a quantidades ingeridas num dia típico, os utilizadores mencionam, em média/media, meia grama de mistura herbácea ou de pó por dia e 1 pastilha ou 1 selo por dia, consoante a variante usada (Tabela 27).

TABELA 25. IMPACTO PERCEBIDO DA PANDEMIA COVID-19 NO CONSUMO DE NOVAS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS
Consumidores de Novas Substâncias Psicoativas nos últimos 12 meses (%)

Impacto	Total	Sexo		Género*			Grupo Etário				
	n=149	Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
	n=107	n=40	n=103	n=39	n=3	n=75	n=48	n=17	n=5	n=4	
Usou menos	29,5	28,0	35,0	28,2	35,9	a)	33,3	29,2	a)	a)	a)
Usou o mesmo	24,2	21,5	32,5	19,4	33,3		24,0	27,1			
Usou mais	27,5	30,8	17,5	31,1	17,9		22,7	25,0			
Não sabe	18,8	19,6	15,0	21,4	12,8		20,0	18,8			

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

TABELA 26. FREQUÊNCIA DE CONSUMO DE NOVAS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS NOS ÚLTIMOS 12 MESES
Consumidores de novas substâncias psicoativas nos últimos 12 meses (%)

Nº de Dias	Total	Sexo		Género			Grupo Etário				
	n=150	Hom.	Mul.	Masc.	Fem.	NB	18-24	25-34	35-44	45-54	55-64
	n=108	n=40	n=103	n=40	n=3	n=75	n=50	n=17	n=5	n=3	
0
1 a 5	67,3	67,6	65,0	66,0	67,5	a)	70,7	66,0	a)	a)	a)
6 a 10	6,7	7,4	5,0	7,8	2,5		6,7	8,0			
11 a 20	9,3	8,3	12,5	8,7	12,5		9,3	8,0			
21 a 50	9,3	9,3	10,0	9,7	10,0		5,3	12,0			
51 a 80	2,0	2,8	..	2,9	2,0			
81 a 100	0,7	..	2,5	..	2,5		..	2,0			
101 a 150			
151 a 200	1,3	1,9	..	1,0	2,5		1,3	2,0			
201 a 250			
251 a 300	1,3	0,9	2,5	1,9	..		2,7	..			
301 a 350	1,3	1,9	..	1,9	..		2,7	..			
Mais de 350	0,7	..	2,5	..	2,5		1,3	..			

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

TABELA 27. QUANTIDADE DE NOVAS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS CONSUMIDAS NOS ÚLTIMOS 12 MESES:
MISTURA HERBÁCEA (Gr.), PÓ (Gr.), PASTILHAS (Nº), LÍQUIDOS (ml.) E/OU SELOS (Nº) CONSUMIDOS NUM DIA TÍPICO
Consumidores de novas substâncias psicoativas nos últimos 12 meses (%)

	Mistura herbácea/erva	Pó	Pastilhas	Líquidos	Selos
	Gramas/Dia	Gramas/Dia	Nº/Dia	Mililitros/Dia	Nº/Dia
	n=33	n=65	n=53	n=9	n=27
Média	0,5	0,5	1,3	a)	0,9
I.C.	(0,04-10)	(0,0-11)	(0,0-3,5)		(0,4-15)
Mediana	0,5	0,5	1,0		1,0

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use (EWSD)* - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

Valores iguais ou superiores a 5 gramas/dia de mistura herbácea (N=2), ou de pó (N=3) e valores iguais ou superiores a 4 selos (N=2) estatisticamente considerados outliers (N=4)

LEGENDA: Hom. – Homem; Mul. – Mulher; Masc. – Masculino; Fem. – Feminino; NB – Não Binário; I.C. – Intervalo de Confiança

a) Pela sua reduzida dimensão, não são analisadas amostras inferiores a 20 elementos.

Heroína

Segundo dados do Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral 2016/17, a prevalência de consumo recente (últimos 12 meses) na população residente (15-74 anos) de heroína é de 0,1%.

No Inquérito Online Europeu sobre Drogas: Padrões de Consumo – Portugal 2021 participaram 92 consumidores recentes de heroína no módulo sobre este produto. A amostra é constituída sobretudo por homens/género masculino, enquanto apenas 20% ou menos corresponde a mulheres/género feminino. O grupo etário predominante tem 45-54 anos, seguindo-se o de 35-44 anos (Tabelas 1 a 3).

Nesta amostra, cerca de metade manteve o seu padrão de consumo em termos de quantidade, 17% diminuíram e 19% aumentaram, devido à pandemia. É de notar que 17% desconhecem que alterações ocorreram (Tabela 28).

Neste período particular (2020-2021), cerca de um quarto dos consumidores de heroína usaram em 1 a 5 dias nos 12 meses anteriores, sendo as frequências de consumo bastante variáveis. Cerca de 15% consumiu diariamente/quase diariamente (Tabela 29).

A maior proporção destes consumidores de heroína, num dia típico em que usem este produto, consomem um quarto de grama (mediana, média de 0,4 gramas) (Tabela 30).

Considerando os dados relativos ao mercado, a heroína foi o produto ilícito que parece ter sofrido menos variações quanto à sua disponibilidade. O número de apreensões e a quantidade confiscada aumentaram ligeiramente (tratando-se, essencialmente, de apreensões de quantidades significativas, iguais ou superiores a 100 gramas), o preço manteve a tendência de decréscimo e o nível de pureza (em termos médios) manteve-se (SICAD, 2021a).

TABELA 28. IMPACTO PERCEBIDO DA PANDEMIA COVID-19 NO CONSUMO DE HEROÍNA
Consumidores de heroína nos últimos 12 meses (%)

	Total
	n=91
Impacto	
Usou menos	16,5
Usou o mesmo	48,4
Usou mais	18,7
Não sabe	16,5

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use* (EWSD) - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

TABELA 29. FREQUÊNCIA DE CONSUMO DE HEROÍNA NOS ÚLTIMOS 12 MESES
Consumidores de heroína nos últimos 12 meses (%)

	Total
	n=90
Nº de Dias	
0	..
1 a 5	27,8
6 a 10	8,9
11 a 20	5,6
21 a 50	12,2
51 a 80	4,4
81 a 100	6,7
101 a 150	4,4
151 a 200	4,4
201 a 250	6,7
251 a 300	3,3
301 a 350	7,8
Mais de 350	7,8

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use* (EWSD) - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

TABELA 30. QUANTIDADE DE HEROÍNA CONSUMIDA NOS ÚLTIMOS 12 MESES: GRAMAS CONSUMIDAS NUM DIA TÍPICO
Consumidores de heroína nos últimos 12 meses (%)

	Total
	n=84
Gramas/Dia	
Média	0,4
I.C.	(0,1;0,6)
Mediana	0,25

Fonte: *European Web Survey on Drugs: patterns of use* (EWSD) - Portugal, 2021 / Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências: DMI – DEI

Valores superiores a 1 gramas/dia estatisticamente considerados outliers (N=4)

Discussão e Conclusões

O presente estudo teve como objetivo identificar alterações, essencialmente, no sentido do aumento ou diminuição, no consumo de um conjunto de produtos ilícitos e de novas substâncias psicoativas, em Portugal, a partir dos dados disponibilizados pelo EWSD – Portugal 2021.

Constatou-se que, à exceção da cocaína base/crack e da heroína, mais de metade dos utilizadores (entre 57% e 67%) considera que ocorreram alterações no seu consumo devido à pandemia SARS-COV-2.

Esta discrepância era expectável considerando o potencial aditivo da heroína e da cocaína base/crack, tendendo este consumo a ser menos determinado por fatores externos ou ocasionais, em comparação com os restantes produtos em análise (Nutt, King, & Phillips, 2010; Van Amsterdam *et al.*, 2010). De facto, também os resultados do EWSD, implementado em 2020 para apreciação do impacto da pandemia nos padrões de consumo e potenciais danos, indicaram uma estabilidade do consumo de heroína na Europa (EMCDDA, 2020).

Os dados disponíveis quanto à presença de heroína e cocaína no mercado português, em 2020, sugerem que a heroína é o produto ilícito que teve menos flutuações e que, embora as apreensões de cocaína tenham diminuído, também diminuiu o seu nível de pureza (SICAD, 2021a), pelo que é possível que, na hipótese da diminuição da sua disponibilidade, esta tenha sido mais adulterada para fazer jus à sua procura. Esta relativa estabilidade poderá ter contribuído, também, para uma maior estabilidade destes consumos, não havendo evidência da colocação no mercado de produtos ilícitos alternativos.

É de salientar que a predominância da estabilidade destes consumos em termos de quantidade não é sinónimo de os riscos associados e os potenciais danos se terem mantido, também eles estáveis. O potencial de riscos e danos envolve considerar, por exemplo, as práticas e condições de consumo, a composição dos produtos, as flutuações na sua disponibilidade, as vulnerabilidades na saúde dos utilizadores, as vulnerabilidades sociais e económicas e o acesso a respostas adequadas (Grebely, Cerdá & Rhodes, 2020; Munro *et al.*, 2021).

Este subgrupo de utilizadores encontra-se em situação de maior fragilidade, a nível da saúde, mas, também, social, portanto mais exposto aos efeitos deletérios da pandemia, designadamente quanto aos constrangimentos à oferta de serviços de que necessitam. Em Portugal foram adotadas algumas medidas com vista a mitigar estes efeitos (SICAD, 2021b). Ainda assim, embora o número de overdoses em Portugal tenha diminuído, de forma geral, em 2020, o de opiáceos aumentou (SICAD, 2021).

Por outro lado, embora predomine a estabilidade dos consumos, ocorreram, também quanto a estes produtos, movimentos quer de diminuição quer de incremento do consumo. A reduzida dimensão das amostras dificulta uma análise quanto ao impacto diferencial da pandemia, mesmo considerando variáveis elementares como o sexo, género ou grupo etário. Tendo presente esta limitação, destaca-se o maior incremento do consumo de cocaína base/crack nas mulheres, em comparação com os homens.

Perspetivando o planeamento de intervenções a médio prazo, será de considerar que toda esta conjuntura pandémica tenha proporcionado uma deterioração das condições de saúde destes utilizadores, a par de uma deterioração das condições de vida, sociais e económicas, tão

frequentemente associadas a um agravamento dos consumos e das comorbilidades (Ornell *et al.*, 2020; Storti *et al.*, 2021; Zolopa *et al.*, 2021).

No que diz respeito aos restantes produtos em análise, as alterações declaradas foram, em qualquer caso, predominantemente no sentido da diminuição do consumo. A canábis, particularmente a herbácea, destaca-se, como o produto em que a redução foi menos significativa. Por sua vez, o ecstasy destaca-se pela razão oposta.

Neste estudo, os utilizadores de canábis apresentam uma frequência de consumo bastante variável, mas claramente não experimental. Por outro lado, mais de metade dos utilizadores dos restantes produtos usaram em 1 a 5 ocasiões nos 12 meses anteriores ao inquérito.

A predominância da diminuição do consumo está, em geral, de acordo com estudos prévios (EMCDDA, 2020; Manthey *et al.*, 2021; Winstock *et al.*, 2020). Como referido, há, contudo, algumas evidências do aumento do consumo de canábis predominar sobre a sua diminuição, o que não acontece neste estudo, embora a canábis, também aqui, se destaque pela menor diminuição. De facto, no caso do consumo de canábis herbácea, a diferença entre o grupo que aumentou o consumo e o que diminuiu é de apenas 3,4 pontos percentuais.

Em acordo com esta discrepância da canábis face a outros produtos ilícitos estão os dados relativos ao mercado da canábis em Portugal, que parece não ter sofrido grandes constrangimentos (SICAD, 2021a), sendo que a disponibilidade de canábis herbácea terá, provavelmente, sido ainda menos comprometida, por via do cultivo doméstico. Note-se, no entanto, que os dados nacionais reportam à totalidade do ano 2020, podendo ter ocorrido flutuações, e mesmo escassez, de canábis em alguns períodos, particularmente no primeiro confinamento, e em função dos territórios (EMCDDA, 2020).

Alguma evidência aponta para que o aumento do consumo de canábis no contexto pandémico tenha sido mais provável no grupo de consumidores que usa mais frequentemente (EMCDDA, 2020). No EWSD-Portugal 2021 constata-se que os consumidores de canábis herbácea, que usam mais frequentemente que os de resina, aumentaram mais o consumo do que aqueles. É possível que estejam em causa consumidores de canábis que fumam preferencialmente na sua casa, sendo este consumo menos suscetível aos constrangimentos à recreação no exterior e também menos motivado pelas oportunidades de diversão e convívio.

A amostra de consumidores de canábis do EWSD-Portugal 2021, poderá, eventualmente, ter uma menor representação destes consumidores mais frequentes, apresentado, por isso, uma menor preponderância de aumento do consumo.

O aumento do consumo de canábis neste contexto poderá ter estado associado a os utilizadores terem mais tempo livre, estarem aborrecidos, e para gerirem estados de humor, enquanto a sua diminuição poderá ter estado ligada a terem tido menos contacto com as pessoas com quem normalmente consumiam, menos ocasiões disponíveis em que normalmente consumiam, ou por terem maior dificuldade no acesso ao produto (Winstock *et al.*, 2020).

Por sua vez, o ecstasy é o produto cujos utilizadores mais mencionam um decréscimo do consumo, em acordo com estudos prévios (EMCDDA, 2020; Manthey *et al.*, 2021; Winstock *et al.*, 2020).

É plausível considerar que tal modificação esteja relacionada com a redução de oportunidades de diversão e de convívio, às quais está ligada a motivação para o consumir (EMCDDA 2020, Winstock *et al.*, 2020). Paralelamente, as apreensões de ecstasy no mercado português diminuíram dramaticamente, o que pode estar relacionado com a diminuição da procura (SICAD, 2021a).

Os argumentos apontados pelos participantes no *World Drug Survey 2020* e no EWSD-COVID 2020, quanto à diminuição do consumo, ou quanto ao seu aumento, são semelhantes aos referidos pelos participantes num estudo português sobre o impacto do primeiro confinamento no consumo de bebidas alcoólicas (SICAD, 2020).

Uma análise das declarações de alterações ao consumo, em função do sexo, género e grupo etário, quanto a produtos que não a heroína e a cocaína base/crack, demonstrou também que o impacto da pandemia nos consumos não teve uma expressão uniforme na população e que dependeu do tipo de produto. Assim, se a diminuição do consumo de canábis foi mais expressiva no género não binário, a de ecstasy foi mais nos homens e a de NSP nas mulheres. Por outro lado, o consumo de canábis diminuiu mais entre os jovens de 18-24 anos mas o de ecstasy diminuiu mais nos de 25-34 anos.

Esta primeira exploração dá nota da relevância de se aprofundar o conhecimento quanto a fatores associados à diminuição ou aumento do consumo de cada um dos produtos. Tal análise poderá proporcionar pistas adicionais quanto aos fatores de influência no consumo de produtos ilícitos, e, com particular relevância, quanto à identificação de subgrupos populacionais que poderão estar em maior risco e que carecem de uma especialização e intensificação da intervenção planeada.

Este estudo tem algumas limitações que importa destacar. Em primeiro lugar, não foi um estudo desenvolvido especialmente para estudar o impacto da pandemia nos consumos, pelo que não viabiliza um estudo mais aprofundado do tipo de impactos e de variáveis condicionantes. Trata-se, também, de um estudo por amostragem de conveniência, não possibilitando a assunção de conclusões para a totalidade da população de utilizadores de cada um dos produtos. Esta limitação é mitigada pela elevada dimensão das amostras, particularmente da canábis, cocaína e ecstasy, as maiores, até ao momento, disponíveis em Portugal, tanto quanto se tem conhecimento. Com vista a potenciar a participação dos utilizadores, o inquérito encontra-se organizado por módulos, de participação voluntária, pelo que a análise é orientada a cada produto em vez de padrões de consumo. Adicionalmente, apesar dos esforços de divulgação desenvolvidos, alguns consumos, como o de heroína e de cocaína base/crack, sustentam-se em amostras de pequena dimensão.

Pesem embora estas limitações, os resultados apresentados permitem sugerir, com propriedade, que, na perspetiva dos utilizadores, a pandemia SARS-COV-2 teve importantes efeitos no seu consumo de produtos ilícitos e novas substâncias psicoativas. Estes efeitos variaram consoante o tipo de produto, possivelmente em função do tipo de relação com estes, tendo os consumos mais regulares e enraizados no quotidiano dos utilizadores, com uma relação mais próxima da dependência, sofrido menos variações, enquanto aqueles mais associados ao contacto interpessoal e recreação sofreram uma forte diminuição. Variaram também em função do sexo, género ou grupo etário. Será interessante contextualizar, por sua vez, estes resultados com os dos restantes países participantes na 3ª edição do Inquérito.

A evidência científica disponível alerta para que os consumidores com uma relação mais problemática com estes produtos, em situação de maior vulnerabilidade, tenham sido e continuem a ser particularmente afetados pelos efeitos desta pandemia, carecendo de um aprofundamento do conhecimento das suas necessidades e da intensificação das respostas a si dirigidas, designadamente de tratamento, reinserção e redução de riscos e minimização de danos.

No que diz respeito aos restantes produtos, importará estar particularmente atento àqueles utilizadores que aumentaram o consumo, designadamente de canábis, cujo conhecimento importa aprofundar.

Adicionalmente, importa considerar que os efeitos da crise pandémica se continuarão a fazer sentir a médio prazo, seja pelo rescaldo deste período, seja pela crise económica que a sucede. Trata-se de um período da história em que será fundamental um maior investimento em políticas de prevenção, seja na perspetiva de capacitação das pessoas e dos sistemas em que estas se movem (família, escola, comunidade,..), seja na perspetiva da proteção, visando atenuar os efeitos desta crise e capacitar as pessoas para a adoção de soluções alternativas ao uso de produtos potencialmente aditivos

Referências Bibliográficas

Balsa, C., Vital C., & Urbano C. (2018). *IV Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral, Portugal 2016/17*. Lisboa: SICAD.

Caldas de Almeida, T., Heitor, M.J., Santos, O., Costa, A., Virgolino, A., Rasga, C., ..., & Mourão, S. (2020). *Relatório final: SM-SARS-COV-2 – Saúde mental em tempos de pandemia*. Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge, Instituto de Saúde Ambiental da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Saúde mental. Disponível em [INSA Saúde mental em tempos de pandemia-SM-SARS-COV-2 Relatório Final.pdf](#)

Douglas, M., Katikireddi, S., Taulbut, M., McKee, M. & McCartney, G. (2020). Mitigating the wider health effects of covid-19 pandemic response. *BMJ*, 369. DOI: 10.1136/bmj.m1557

European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction (2020). *EMCDDA Trendspotter briefing I Impact of COVID-19 on patterns of drug use and drug-related harms in Europe*. Luxembourg: Publications Office of the European Union

European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction (2021). *Impact of COVID-19 on drug markets, use, harms and drug services in the community and prisons: results from an EMCDDA trendspotter study*. Publications Office of the European Union, Luxembourg.

Manthey, J., Kilian, C., Car, S., Bartak, M., Bloomfield, K. Braddick, F., ... & Rehm, J. (2021). Use of alcohol, tobacco, cannabis, and other substances during the first wave of the SARS-CoV-2 pandemic in Europe: a survey on 36,000 European substance users. *Substance Abuse Treatment, Prevention, and Policy*, 16 (36). DOI: 10.1186/s13011-021-00373-y

Munro, A., Booth, H., Gray, N.M., Love, J., Mohan, A.R.M., Tang, J. & MacGillivray, S. (2021). Understanding the Impacts of Novel Coronavirus Outbreaks on People Who Use Drugs: A Systematic Review to Inform Practice and Drug Policy Responses to COVID-19. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18. DOI: 10.3390/ijerph18168470

Nutt, D. J., King, L. A. & Phillips, L. D. (2010). Drug harms in the UK: a multicriteria decision analysis. *The Lancet*, 1. DOI: 10.1016/S0140-6736(10)61462-6

Ornell, F., Moura, H., Scherer, J., Pechansky, F., Kessler, F. & Diemen, L. (2020). The COVID-19 pandemic and its impact on substance use: Implications for prevention and treatment (Letter to the Editor). *Psychiatry Research*, 289. DOI: 10.1016/j.psychres.2020.113096

Paes Mamede, R., Pereira, M. & Simões, A. (2020). *Portugal: Uma análise rápida do impacto da COVID-19 na economia e no mercado de trabalho*. Organização Internacional do Trabalho. Disponível em [Portugal: Uma análise rápida do impacto da SARS-COV-2 na economia e no mercado de trabalho \(ilo.org\)](#)

Schmidt, R.A., Genois, R., Jin, J., Vigo, D., Rehm, J. & Rush, B. (2021). The early impact of COVID-19 on the incidence, prevalence, and severity of alcohol use and other drugs: A systematic review. *Drug and Alcohol Dependence*, 228. DOI: 10.1016/j.drugalcdep.2021.109065

Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (2020). *Comportamentos aditivos em tempos de COVID-19*. Disponível em: https://www.sicad.pt/BK/EstatisticalInvestigacao/EstudosConcluidos/Lists/SICAD_ESTUDOS/Attachments/209/SARS-CoV-2_alcool.pdf

Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (2021a). *Relatório anual 2020: A situação do país em matéria de drogas e toxicodependências*. Lisboa: SICAD.

Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (2021b). *Relatório de atividades 2020*. Lisboa: SICAD.

Storti, C.C., Bretteville-Jensen, A.L., De Grauwe, P., Moeller, K., Mounteney, J. & Stevens, J. (2021). The Double Effect of COVID-19 Confinement Measures and Economic Recession on High-Risk Drug Users and Drug Services. *European Addiction research*, 27, 239-241. DOI: 10.1159/000513883

Van Amsterdam, J. V., Opperhuizen, A., Koeter, & Van den Brink, W. (2010). Ranking the harm of alcohol, tobacco and illicit drugs for the individual and the population. *European Addiction Research (Research Report)*, 16, 202-207.

Winstock, A. R., Davies, E. L., Gilchrist, G., Zhuparris, A., Ferris, J. A., Maier, L. J. & Barratt, M. J. (2020). Global Drug Survey special edition on COVID-19: interim report. Disponível em: [GDS SARS-COV-2 Special Edition: Key Findings Report | Global Drug Survey](#)

Zolopa, C., Hoje, S., Bruneau, J., Meeson, J., Minoyan, N., Raynault, M., Makarenki, I. & Larney, S. (2021). A rapid review of the impacts of “Big Events ” on risks, harms, and service delivery among people who use drugs: Implications for responding to COVID-19. *International Journal of Drug Policy*, 92. DOI: 10.1016/j.drugpo.2021.103127



Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

Tel: +351 211 119 000 | E-mail: sicad@sicad.min-saude.pt | www.sicad.pt

twitter.com/sicad_portugal | www.facebook.com/SICADPortugal

T. +351 211 119 000 | www.sicad.pt